



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA



IKARO DE FONTES GÓIS

**HISTÓRIA E MEMÓRIA:
OS MOVIMENTOS DE OPOSIÇÃO CONTRA A DITADURA MILITAR NA CIDADE
DE PICOS NOS ANOS DE 1964 A 1985**

PICOS – PI
2011

IKARO DE FONTES GÓIS

**HISTÓRIA E MEMÓRIA:
OS MOVIMENTOS DE OPOSIÇÃO CONTRA A DITADURA MILITAR NA CIDADE
DE PICOS NOS ANOS DE 1964 A 1985**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do grau de Graduado em História.

Orientador Prof. Marylu Alves de Oliveira

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo
Serviço de Processamento Técnico

G616h Góis, Íkaro de Fontes.
 História e memória: representações e práticas dos
movimentos estudantil, religioso e político contra a
ditadura militar na cidade de Picos - 1964-1985 /
Íkaro de Fontes Góis, 2011.
 63 f.

 Monografia (Licenciatura em História)-
Universidade Federal do Piauí, Picos, 2011.
 Orientador(a): Prof^a.Msc.Marylu Alves de
Oliveira

 1. Ditadura Militar. 2. Movimento Estudantil.
3. Picos I. Título.

CDD - 981.812 2

IKARO DE FONTES GÓIS

**HISTÓRIA E MEMÓRIA:
OS MOVIMENTOS DE OPOSIÇÃO CONTRA A DITADURA MILITAR NA CIDADE
DE PICOS NOS ANOS DE 1964 A 1985**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do grau de Graduado em História.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Marylu Alves de Oliveira Orientador)
Universidade Federal do Piauí

Prof.^a Ms. Marta Rochelly Ribeiro Gondinho
Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Francisco de Assis Sousa Nascimento
Universidade Federal do Piauí

PICOS – PI
2011

O maior patrimônio de uma nação é o espírito de luta de seu povo e a maior ameaça para uma nação é a desagregação desse espírito.

George B. Courtelyou

RESUMO

Esse trabalho monográfico tem o intuito de abordar as principais práticas e representações do movimento estudantil, de religiosos, e do Movimento Democrático Brasileiro, o MDB, em oposição ao Regime Militar na cidade de Picos, durante os anos de chumbo. Para isso, o trabalho se estenderá na metodologia imposta pelo uso da História e Memória, através de depoimentos de estudantes, religiosos, políticos e pessoas em geral retratando os acontecimentos marcantes do período. A memória ganhará foco também pela análise do conceito de memória coletiva, a partir das observações e definições de Michael Pollack e Maurice Halballchs, envolvendo os devidos sujeitos dessa construção historiográfica. Outro ponto a ser debatido pelo trabalho são as funções dos estudos de cultura política, proposto por Jean François Sirinelli e Serge Berstein, retratando principalmente a identificação e comparação de culturas políticas dos demais grupos. Portanto a pesquisa se estendeu na elaboração de três capítulos, relacionados aos seguintes temas: estudantil, religioso e político.

Palavras-Chave: Oposição; Política; Movimento Estudantil; Igreja; Regime Militar.

ABSTRACT

This monographic work has intention to approach main practical and the representations of the student movement, religious, and the Brazilian Democratic Movement, the MDB, in opposition to the Military Regimen in the city of Peaks, during the years of lead. For this, the work will extend in the methodology imposed for the use of History and Memory, through depositions of students, religious, politicians and people in general portraying the events striking of the period. The memory will also gain focus for the analysis of the concept of collective memory, from the comments and definitions of Michael Pollack and Maurice Halballchs, involving the had citizens of this historiography construction. Another point to be debated by the work is the functions of the studies of culture politics, considered for Jean François Sirinelli and Serge Berstein, portraying mainly the identification and comparison of cultures politics of the too much groups. Therefore the research if extended in the elaboration of three chapters, related to the following subjects: student, religious and politician.

Keywords: Opposition; Politics; Student movement; Church; Military regimen.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| CAPÍTULO I - A IGREJA SE ARMA | 12 |
| 1.1 Representações e práticas da Igreja Católica em oposição ao Regime Militar ... | 12 |
| 1.2 Representações e práticas da Igreja Católica, durante o Regime Militar em Picos. | 15 |
| CAPÍTULO II – “OS MANDA BRASA”, EM OPOSIÇÃO AO REGIME MILITAR... | 23 |
| 2.1 As ações do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) em oposição ao Regime Militar no Brasil..... | 23 |
| 2.2 As práticas de oposição do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) ao Regime Militar em Picos | 29 |
| CAPÍTULO III – CORAÇÃO DE ESTUDANTE: Representações e práticas do movimento estudantil durante a ditadura militar | 36 |
| 3.1 Representações estudantis e suas práticas no Brasil no período do regime militar | 36 |
| 3.2 Representações e ações dos estudantes em Picos, durante o regime militar | 42 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 53 |
| REFERÊNCIAS | 56 |

INTRODUÇÃO

O regime militar foi uma forma de governo que suprimiu, através da repressão, as liberdades democráticas. Iniciando-se a partir do golpe militar de 1964, que resultou no afastamento de João Goulart da presidência. Este golpe marcou a influência política do Exército Brasileiro e sua determinação em colocar em exercício uma doutrina de segurança nacional, inspirada na política do comércio exterior americano e de outros países influentes da Europa.¹ Assumindo uma postura radical, em relação aos opositores, o regime pôs em prática vários Atos Institucionais, culminando com o AI-5 de 1968, instituindo a suspensão de liberdades individuais e criando um Código de Processo Penal Militar, que permitiu que o Exército brasileiro e a polícia militar do Brasil pudessem prender e encarcerar pessoas consideradas “suspeitas”, sem qualquer revisão judicial. O regime militar durou até a eleição indireta de um civil, Tancredo Neves, em 1985².

Nesse contexto histórico, o regime militar tornou-se uma das mais importantes páginas da História do Brasil, sendo hoje um dos períodos mais lembrados na memória recente dos brasileiros. Aponto para essa questão, porque durante os tempos de escola já me interessava por esse assunto, impulsionado também pela convivência com meu pai, um ex-militar, contando suas histórias e acontecimentos vivenciados durante a instalação do regime, assim como também relatos de outras pessoas que narravam suas experiências naquele momento. Outro fator importante para escolha desse assunto foi pensar na escassez de produção historiográfica local na cidade de Picos, que carece de um trabalho a respeito do assunto.

O trabalho centralizará como análise da tentativa de resistência ao regime, se realmente houve alguma forma de resistência por parte dos grupos diferentes na sociedade picoense. Dentre os grupos que se colocaram como oposição à ditadura militar, destacaram-se: movimento estudantil, partido político MDB e a Igreja, que atuaram nos anos de ditadura, a partir de 1964. Para tanto, o trabalho enfocará a resistência à ditadura, a partir dos seguintes temas: movimento estudantil, a oposição do MDB e da Igreja.

¹ FARIAS, Airton de. **Um olhar sobre os governos militares**. Recife: Ed. Construir, 2009.

² GASPARI, Elio. **A Ditadura Escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

O trabalho busca também responder as seguintes questões: como se comportavam os grupos de oposição, durante o Regime Militar na cidade de Picos? Quais meios utilizados para alcançarem os seus objetivos? Qual tipo de influência ideológica e política formavam o pensamento desses grupos? Qual foi a reação do governo a essa oposição?

Através desses questionamentos, procurarei analisar as práticas desses grupos, partindo de depoimentos de políticos, estudantes e religiosos, que no período, possivelmente, lutaram contra o regime da época.

Todo o arranjo será realizado pela pluralidade da História Cultural, com sugestões, aplicações e interpretações culturais da experiência histórica e humana. O uso da História e Memória será um dos campos temáticos utilizados neste trabalho de pesquisa. Entre os teóricos da Memória enfatizarei Michel Pollack, partindo também de Maurice Halbwachs, analisando a memória coletiva, onde nesta se encontra, também, uma memória individual, posto que todas as lembranças estejam constituídas no interior de um grupo.

Para o historiador que trabalha com a Memória, seja por meio de registros escritos desta, transformados em narrativas de cunho memorialístico, seja pelo recolhimento ao vivo, pela oralidade, das lembranças daquele que rememora, há que levar em conta múltiplas mediações nesse processo.³

O conceito de cultura política também ganhará âmbito, observando a sua pluralidade dentro dos fatos passados a partir de análises de Berstein e Sirinelli, buscando identificar as diferentes culturas políticas que disputaram e integraram em um devido espaço. Segundo Ângela de Castro Gomes:

A cultura política incorpora sempre uma leitura do passado-histórico ou mítico, ou ambos – que conota positiva ou negativamente períodos, personagens, eventos, textos referenciais e, principalmente, um enredo – uma narrativa do próprio passado⁴.

Assim, os grupos de oposição ao regime ditatorial ganharão uma busca, identificando os tipos de cultura políticas praticadas por cada um deles. Para isso, a busca realçará na tentativa de relatar as representações de cada grupo, através de símbolos, manifestações, partidos e práticas, segundo Roger Chartier, as

³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & Cultural**. Belo Horizonte. 2ª. Ed. Autêntica, 2004.

⁴ GOMES, Ângela de Castro. **Cultura Política**: História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

representações são responsáveis pelas ações e práticas ocasionando o confronto entre as demais coligações:

Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações tem tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio⁵.

No primeiro capítulo, serão enfatizadas as práticas e representações da Igreja Católica em oposição ao Regime Militar no Brasil e na cidade de Picos, destacando os choques de ideologias entre os membros da Igreja que ocasionaram na sua divisão, as representatividades dos grupos, dando ênfase na Teologia da Libertação, com seus preceitos e idéias que buscavam ser aplicadas na tentativa de oposição aos militares. Em Picos, será observada a atuação de grupos religiosos, que atuavam na pregação da religião cristã e grupos destinados ao amparo às pessoas mais necessitadas, na tentativa de colocá-las na luta por seus direitos e valores e na aclamação por uma democracia. Dentre os grupos vemos a atuação do MIC (Movimento de Intervenção Cristã), as Comunidades Eclesiásticas de Base (CEB's) e tantos outros. Tudo isso, impulsionado pelas figuras dos missionários, Padre Alfredo Shefler e Dom Augusto Alves da Rocha, onde serão apresentadas suas atuações, coordenações e choque de idéias entre os dois sujeitos.

No segundo capítulo, enfatizei a luta do partido de oposição dos governos militares, o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), no Brasil e na cidade de Picos. Como foco, identifiquei as ações do MDB contra a ARENA (Aliança Renovadora Nacional), suas ideologias, seus principais representantes no Brasil e em Picos, as eleições, as dificuldades, as vitórias e feitos. Em Picos, partiremos da análise dos depoimentos de alguns políticos e eleitores, como seja, o ex-político do MDB Oscar Neiva Eulálio, Oneide Fialho Rocha, o ex-estudante, José Batista e a eleitora assídua do MDB, Maria dos Remédios Fontes de Moura Góis, destacando,

⁵ CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. Gallhardo/Rio de Janeiro: Difel/Brasil, 1990. p. 17.

principalmente, a figura do líder emedebista, Severo Maria Eulálio⁶, que ajudaram a configurar as práticas de oposição do MDB, durante os anos de chumbo.

No terceiro e último capítulo, abordei as diferentes ações, os principais acontecimentos, representatividade dos estudantes, perseguições e lutas dos movimentos estudantis no Brasil e do movimento estudantil, na cidade de Picos, de 1964 até início da década de 1980. A maior parte do movimento estudantil no Brasil teve como objetivo principal, a tentativa de combater o Regime Militar. Este movimento estudantil era formado pela presença de uma variedade de culturas políticas, voltadas aos assuntos destinados à questões políticas e sociais do país. Analisei, também, a atuação do movimento estudantil em Picos, formado por uma cultura política, destinada aos interesses comuns dos estudantes. A percepção do movimento estudantil em Picos se deu pela análise da memória de alguns ex-estudantes picoenses, que participaram e vivenciaram o movimento na época da ditadura, dentre estes se destacam: José Batista, Olívia Rufino e Maria dos Remédios Fontes de Moura Góis.

O trabalho será acompanhado por 03 (três) capítulos, contendo os temas especificados anteriormente, seguindo uma ordem escolhida aleatoriamente, permitindo ao leitor iniciar a leitura, a partir de qualquer capítulo. Nenhum destes segue um roteiro de complemento cronológico ou lógico, que implique no entendimento do mencionado assunto imposto por essa atividade.

⁶ Severo Maria Eulálio foi o principal líder do partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB), em Picos e no Piauí.

CAPÍTULO I - A IGREJA SE ARMA

1.1 Representações e práticas da Igreja Católica em oposição ao Regime Militar

Um dos movimentos sociais de maior oposição à ditadura militar no Brasil foi o movimento religioso, em especial, a ação da Igreja Católica, considerada a única oposição de caráter institucional. Tudo começou pela orientação de padres, missionários, arcebispos, em diversos locais do Brasil, alimentando idéias reformistas de cunho social. Essa orientação se dava também pelo fato da própria Igreja ser formada por um cenário de intensa divisão entre seus membros, encontrando-se dividida, antes mesmo de ocorrer o golpe militar de 1964. De um lado estava os conservadores, ligados às idéias de ensinamentos vindos do cristianismo e até mesmo a intervenção dos militares. Do outro lado, a Igreja estava marcada pelos ensinamentos religiosos, e assuntos destinados aos problemas sociais⁷.

A divisão da Igreja Católica brasileira se intensificou, mais ainda, a partir do momento em que os grupos da elite conservadora da Igreja apoiaram a implantação do Golpe Militar de 1964. A elite eclesiástica ligou-se aos militares, pois muitos desses missionários também eram frequentadores dos cursos promovidos pela Escola Superior de Guerra (ESG)⁸.

O lado oposicionista da Igreja se preocupava com as injustiças sociais, influenciados pela Teologia da Libertação⁹. Essa teologia tinha o intuito de colocar o povo na reflexão e libertação dos problemas sociais como à pobreza e exclusão social, através da fé cristã. Segundo Leonardo Boff¹⁰, a Teologia da Libertação “é toda forma de pensar a fé ante a opressão”¹¹. Partindo disso, é que grupos

⁷ BARRETO, Túlio Velho, FERREIRA, Laurindo. **Na trilha do golpe: 1964 revisitado**. Recife: A Fundação; Editora Massangana, 2004. p. 185. Reportagem de: Verônica Almeida.

⁸ Idem: SANTOS, Priscila Farias dos. **A participação dos freis dominicanos no regime militar brasileiro**. Revista Historiador. Número 02. Ano 02. Dezembro de 2009. p. 3

⁹ A Teologia da Libertação “encontrou seu nascedouro na fé confrontada com a injustiça feita aos pobres”. Ela encontrou o seu maior poder de irradiação foi na América Latina e Caribe.

BOFF, Leonardo e BOFF, Clodovis. **Como fazer teologia da libertação**. Petrópolis: 8ª ed. Editora Vozes, 2001. cit. p. 15.

¹⁰ Leonardo Boff é teólogo, escritor e professor universitário e um dos maiores divulgadores da Teologia da Libertação, durante a ditadura militar no Brasil.

¹¹ BOFF, Leonardo e BOFF, Clodovis. **Como fazer teologia da libertação**. Petrópolis: 8ª ed. Editora Vozes, 2001. cit. p. 27.

religiosos, principalmente do Brasil, iniciaram uma marcha de combater as desigualdades sociais, agravadas pela ação governista do Regime Militar no país.

A intensificação das ações do grupo progressista da Igreja Católica, ligada à Teologia da Libertação contra a ditadura, deu-se de forma mais intensa por meio da Conferência de Medellín, realizada na Colômbia em 1968, aumentando o descontentamento dos religiosos com as atrocidades impulsionadas pela censura, o número abusivo de torturas, prisões e acúmulo da miséria da população brasileira, promovendo uma luta a favor dos direitos humanos:

A Teologia da Libertação foi caracterizada como a ideologia cristã apropriada para a realidade latino-americana da época fazendo que parte dos sacerdotes e bispos se aproximasse dos trabalhadores urbanos e rurais em um programa de assistência e de conscientização, assim, foi criada as bases que possibilitaram aos teólogos da época a afastarem-se de uma teologia eurocêntrica e passassem a realizar uma teologia a partir da realidade em que estavam inseridos¹².

A cultura política é entendida, nesse ponto, a partir do momento onde nos deparamos por uma variedade de culturas políticas, contidas no ceio de um mesmo grupo. A própria Igreja estaria cercada por essas diversas culturas do político. Pois, apesar da igreja possuir uma cultura política católica vivenciada na propagação do cristianismo na humanidade, através de inúmeras organizações políticas em que atuava, muitas vezes, a atuação da Igreja apareceria fragmentada com ideais e objetivos opostos.¹³ Daí, a presença de duas vertentes contrárias: a conservadora e a progressista durante o regime militar.

O grupo oposicionista era caracterizado como de linha progressista que se baseava na Teologia da Libertação, exigia reformas na sociedade, orientando, então, vários estudantes e jovens, que como consequência, acabou criando alguns grupos, como a Juventude Universitária Católica (JUC), a Ação Popular (AP), a Juventude Estudantil Católica (JEC), também orientando operários, da Juventude Operária Católica (JOC) e pessoas das classes mais pobres com a fundação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Segundo Skidmore, esses grupos da Igreja eram tidos como maiores opositores, como mostra a citação:

¹² FABER, Marcos Emílio Ekman; SANTOS, Giovana Inácio dos; GOULART, Josiel Eilers.

Teologia da Libertação: Resistência Intelectual nos Anos de Chumbo. Disponível em: <<http://www.historialivre.com/brasil/teoliberta1.htm>> Acesso em: 06 de junho de 2011.

¹³ RIOUSE, Jean Pierre e SIRINELLI, Jean François. **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. P. 354

Os católicos mais propensos a choques com o aparelho de repressão eram os que militavam em certos grupos ativos como a Ação Popular (AP) a Juventude Universitária Católica (JUC) e a Juventude Operária Católica (JOC), e outros grupos mais identificados com a esquerda política¹⁴.

Uma das lutas da Igreja durante a ditadura, foi pela Reforma Agrária, mesmo antes do golpe de 1964. “A Igreja influenciou muitas vezes as Ligas Camponesas, para garantir terra aos trabalhadores rurais”¹⁵. Um dos casos de intensa luta da Igreja na busca por terra ocorreu na Amazônia, ocasionada pela criação da Transamazônica, onde a intensa criação de gado e as promessas de distribuição de terras geraram uma grande guerra, entre pequenos trabalhadores e posseiros, promovendo o intenso descontentamento do clero, como mostra a citação abaixo:

O clero, que nunca fizera política, ficava cada vez mais indignado e convencencia os bispos de sua região de que estavam sendo praticadas graves injustiças sociais. Os bispos, por sua vez, elevavam a voz em tom radical, influenciando o clero de outros 'pontos do país'¹⁶.

Aliando os problemas da terra, outras atrocidades, como o aumento do desemprego, a violência e a miséria da população, fizeram com que a Igreja Católica atuasse de modo cada vez mais firme contra a ditadura. A Igreja teve vários representantes de luta contra a repressão militar. Os principais membros da Instituição Católica contra o regime militar no Brasil foram: Dom Hélder Câmara, Dom Antônio Fragoso, Dom Paulo Evaristo Arns, Leonardo Boff, José Comblin e tantos outros que ajudaram a configurar uma Igreja de linha progressista no Brasil.

Enfim, os movimentos religiosos, nas lutas sociais contra o regime militar brasileiro, fizeram com que a Igreja Católica deixasse de ser apenas uma instituição voltada apenas aos interesses internos da fé cristã, agindo de forma presente no cotidiano da vida política e social brasileira. Partindo disso, a Igreja fez dentro de sua própria estrutura uma divisão eclesial de diferentes ideologias, identificando um confronto de conservadores, que apoiaram o golpe de 1964 e progressistas, que lutavam pela restauração da democracia e propondo um bem estar à população.

¹⁴ SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Castelo e Tancredo, 1964-1985**. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. Cit. p. 270.

¹⁵ IDEM: BARRETO, Túlio Velho, FERREIRA, Laurindo. **Na trilha do golpe: 1964 revisitado**. - Recife: A Fundação; Editora Massangana, 2004. p. 186

¹⁶ SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Castelo e Tancredo, 1964-1985**. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. Cit. p. 270.

1.2 Representações e práticas da Igreja Católica, durante o Regime Militar em Picos.

A religiosidade sempre foi marca importante na vivência cotidiana de Picos, desde a época em que era apenas uma vila. Grandes acontecimentos religiosos marcaram a religiosidade da cidade, como a primeira missa celebrada pelo Padre Antônio Leal, assim como a chegada da imagem de Nossa Senhora dos Remédios, em 1847, posteriormente, dando origem a freguesia e a grande construção da Igreja Matriz. Todos esses elementos fizeram de Picos, um centro de religiosidade e fé, principalmente a nível estadual.

Mas, a religiosidade em Picos, também, foi importante nos anos de chumbo, pela grande presença de grupos de jovens, pastorais e associações religiosas que ajudaram à população picoense na busca por uma percepção do conhecimento crítico da realidade, pondo os problemas sociais em questão, durante o Regime Militar. Tudo isso, foi impulsionado, também, pela presença marcante de dois missionários, que apesar de possuírem ideologias um pouco distintas, contribuíram para resolver os problemas sociais que a cidade passava naquela época. Tratava-se das figuras, do Padre Alfredo Shefler¹⁷ e Dom Augusto Alves da Rocha¹⁸.

Analisarei os principais acontecimentos desse período em Picos, a partir de depoimentos de religiosos, ex-membros de grupos e pessoas que presenciaram a ação religiosa da Igreja na cidade durante a época dos militares.

A cidade de Picos foi marcada pela presença de vários grupos religiosos, destinados a promover a ação de diferentes grupos sociais: casais, jovens estudantes, idosos e etc. Dentre esses grupos, tinha-se a presença do MIC (Movimento de Integração Cristã) e da (PC) Pastoral Cristã, como mostra o relato da entrevistada, Oneide Fialho Rocha¹⁹:

O Movimento de Integração Cristã, o MIC e a PC, Pastoral Cristã foram criados no ano de 1968, por criação do Padre Alfredo. Esses dois grupos

¹⁷ Padre Alfredo Shefler, era um missionário franciscano de origem austríaca, que foi padre na cidade de Picos, a partir do ano de 1968 até 1996, ganhando grande respaldo e popularidade na cidade. Era conhecido pela sua simplicidade e bondade com os necessitados.

¹⁸ Dom Augusto Alves da Rocha, parnaibano de origem, foi bispo da diocese de Picos, a partir do ano de 1975 até 2001. Ganhou grande respeito por parte da população, devido a criação de grupos religiosos, baseados na Teoria da Libertação.

¹⁹ Oneide Fialho Rocha, participou na época da Ditadura em Picos de grupos religiosos, como o MIC atuou na luta pela democratização durante o regime. Hoje, Oneide é professora de pedagogia da Universidade do Piauí, campus de Picos.

tinham adesão de muitos jovens das classes sociais, baixa e média. Olha, os dois movimentos não tinham características subversivas, de cunho esquerdista de oposição a ditadura. Ao contrário, foram dois grupos voltados à formação sacerdotal e religiosa para alguns membros e formação social para outros, no exercício da cidadania.

[...] Eu cheguei a participar de algumas reuniões, mas veja bem, olha como não eram esses grupos de caráter oposicionista, pois as reuniões a gente debatia sobre os assuntos internos da Igreja, assuntos da juventude, como, namoro, bebidas alcoólicas e convivência com os pais e outras mais²⁰.

Podemos constatar que a questão religiosa era muito debatida e motivo de preocupação por parte dos religiosos, que propunham transmitir para os jovens ensinamentos relativos à Igreja. Mas, a partir de outros depoimentos, vimos que em Picos houve uma heterogeneidade de movimentos religiosos, pois existiam alguns grupos dedicados a assuntos que iam além da religião, preocupados, sobretudo, com os problemas sociais da época, questionando às vezes o próprio regime político. Perspectiva vivenciada por Antonio Fernando de Sousa²¹, conhecido popularmente, como o ex - Padre Maninho, definindo assim:

Eu participei ativamente dos movimentos religiosos em Picos, na época da ditadura, principalmente da JEC, Juventude Estudantil Cristã e das Comunidades Eclesiais de Base, as CEBs. Elas todas, foram criadas na década de 70, acho que foi no ano de 1976, depois da vinda do Bispo Dom Augusto que até ajudou a fundar esses dois movimentos. A JEC possuía uma variedade de estudantes do segundo grau e pedagógico. Debatíamos muito sobre os principais problemas da sociedade, principalmente, a situação dos mais pobres, enfocando a miséria e o desemprego. Mas, claro nunca deixando de lado a missão religiosa.

[...] Discutimos poucas vezes os assuntos políticos da ditadura, alguns membros eram até contra, mas logo Dom Augusto pedia que tomássemos cuidados e não nos manifestássemos ativamente, pois os militares estavam a toda vigilância²².

A citação nos mostra que, diferentemente do MIC e do PC, a JEC e as CEBs, possuíam um caráter mais ativo nas preocupações e problemas da sociedade, principalmente das classes mais baixas, discutindo até assuntos relacionados ao regime ditatorial. Isso reflete que, a diferença desses grupos se dava pela presença de diferentes culturas políticas. Todavia, pressupõe que o MIC e o PC detinham a presença de uma cultura política da religião. Já a JEC e as CEBs, estavam contidas em uma cultura política da religião e do social político.

²⁰ ROCHA, Oneide Fialho. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011.

²¹ Antonio Fernando de Sousa era um jovem estudante de Picos na época do regime militar, que estava se preparando para ingressar no seminário de formação episcopal. Por isso, a denominação ex - padre, pelo fato de que na década de 80, se tornou padre, deixando logo a batina, terminando entrando para o matrimônio.

²² SOUSA, Antônio Fernando. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011.

As CEB's inclusive tinha o papel de grande importância na cidade de Picos, principalmente na luta pelos direitos dos pequenos trabalhadores e pessoas mais abastadas da sociedade picoense, então, segundo Oneide Fialho Rocha:

As CEB's era um jeito da Igreja ser, as Comunidades Eclesiais de Base era um jeito do povo que vivia na zona rural, na periferia da cidade se encontrar para rezar, refletir a sua realidade, para lutar pela sua melhoria de vida, à luz da sua fé. Havia celebração, havia reflexão, mas havia também [...], aí eram chamados de subversivos, baderneiros. Esse Bispo aí é subversivo!!, bota o povo para fazer bagunça. Primeiro, porque eram pessoas que estavam no poder, não queriam perder seus privilégios e também não tinham uma visão crítica da sociedade e o que tava acontecendo no meio do povo era algo novo, o povo reconhecendo a sua força, se organizando, refletindo a sua realidade, intervindo junto ao poder público para mudar essa realidade [...]²³

No relato acima, fica explícito o grande poder de concentração e atuação realizada pelas CEB's, em advertir e orientar a população picoense, na tentativa de obter valores e deveres, durante o regime ditatorial em Picos. Percebe-se, também, a atuação do Bispo Dom Augusto na coordenação desse grupo e outros que serão citados de acordo com o trabalho.

Segundo Roger Chartier, as contrariedades desses grupos religiosos são movidas também por suas diferentes representações, pois estas propõem:

[...] a construção das identidades social sendo um resultado de uma relação de força entre as representações impostas por aqueles que têm poder de classificar e de nomear e a definição submetida ou resistente, que cada comunidade produz de si mesma²⁴.

Assim, a realidade é imposta pelas diferentes práticas sociais de cada grupo, ou seja, pelas próprias representações. Estas acabam moldando os grupos a agirem em favor de seus interesses, com o objetivo de transformar as diversas situações.

Outras alianças religiosas foram constituídas durante o regime militar em Picos, era o caso das agremiações postuladas por algumas instituições educacionais de caráter religioso, como as Irmãs Filhas do Coração Imaculado de Maria, cujo atuavam no Instituto Monsenhor Hipólito, escola de postura tradicional, baseada nos ensinamentos da fé e do saber. Nessa Instituição foi criado o grupo

²³ ROCHA, Oneide Fialho. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011.

²⁴ CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. Gallhardo/Rio de Janeiro: Difel/Brasil, 1990. p. 32.

religioso intitulado de Pastoral da Juventude Estudantil (PJE), como mostra o relato da senhora, Oneide Fialho Rocha:

A Pastoral da Juventude Estudantil foi criada em 1973, pelas Irmãs Filhas do Coração Imaculado de Maria, lá no colégio das irmãs, o Instituto Monsenhor Hipólito, escola tradicional da cidade de Picos. Então, a PJE, era coordenada pelas irmãs Maria Helena e Maria do Sudário, que ensinavam e debatiam sobre os assuntos da religião, a divulgação de projetos religiosos e sociais, na cidade, era muito bom e gratificante. [...] Há! lá me esquecendo da Irmã Maria do Sudário, principalmente nos alertava que devíamos ter consciência política, principalmente consciência social, ajudando sempre os mais necessitados²⁵.

A Pastoral da Juventude Estudantil (PJE) foi um grupo que se dedicava aos ensinamentos da religiosidade cristã, voltados também para reflexão dos problemas sociais. O que chama atenção é a atuação da Irmã Maria do Sudário, preocupada com os assuntos políticos e problemas da população picoense, principalmente pelo fato dela ministrar aulas em uma instituição, segundo a própria entrevistada, de práticas de cunho tradicional e conservador.

Segundo, Oneide Fialho Rocha, os movimentos religiosos ganharam maior repercussão na cidade de Picos, durante as campanhas de democratização e das Diretas Já, na década de 1980. Várias instituições e grupos religiosos atuaram com bastante força, nesses acontecimentos, com grande ação da Igreja Católica, tudo com o propósito de mudança política e social.

Enfim, segundo a entrevistada:

Picos e todos os movimentos religiosos, também, participaram, por essa luta pela democracia, vinha o partido político PMDB, vinha a Igreja. Agora, a Igreja tinha a preocupação de organizar o povo. Então, os movimentos sociais, as associações de moradores, as cooperativas, os sindicatos de luta, daqui de toda essa região de Picos, surgiu, principalmente a partir do trabalho da Igreja Pastoral da Diocese de Picos, e junto estavam o Movimento de Educação de Bases a CPT (Comissão Pastoral da Terra), a Pastoral da Criança, o trabalho das irmãs, das religiosas inseridas, nós tínhamos irmãs de toda Diocese, de Francisco Santos, de Itainópolis, em Simões, em Padre Marcos, em Jaicós. Aqui no Junco, as Irmãs de Jesus Crucificado, as Irmãs do Coração de Maria, ajudando o povo a ter essa consciência e organizar o povo pela transformação da sociedade. Realizamos várias passeatas, manifestações e visitas em bairros da cidade para a ajuda da população pobre²⁶.

²⁵ ROCHA, Oneide Fialho. Entrevista cedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011.

²⁶ ROCHA, Oneide. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011.

A Igreja católica, aliada aos partidos, como o PMDB e alguns grupos religiosos e outros sindicatos, detinham pela presença de uma cultura política destinada aos assuntos da política, e de caráter social. Os períodos de democratização e das Diretas Já podem significar o despertar da população picoinense, desejando a implantação de uma democracia e bem estar social para a cidade de Picos e, como também, para o Brasil.

A formação, as ações e práticas desses movimentos religiosos em Picos tiveram como grande coordenação, influência, ajuda e a participação dos religiosos, Padre Alfredo Shefler e Dom Augusto Alves da Costa. O primeiro tinha nacionalidade austríaca, mas morava há muito tempo no Brasil, desde a sua juventude, vivendo vários destes anos no estado do Piauí, chegando a Picos no ano de 1968. Assim, a senhora Maria dos Remédios²⁷ define o Padre Alfredo:

Era um missionário dedicado à evangelização dos fiéis e admirado por todos os paroquianos. De estatura alta e fisionomia dura, deixava transparecer muitas vezes disciplina e ordem, mas na verdade era uma pessoa amável, aconselhadora, e amava a sua profissão, era um legítimo franciscano²⁸.

Também afirma o Sr. Antônio Fernando de Sousa, o ex-padre Maninho que o padre Alfredo possuía características franciscanas, baseada na ajuda aos mais carentes. Por conta disso, a sua figura foi responsável pela aclamação de vários fiéis que depois criaram grupos religiosos de caráter franciscano e grupos de jovem, dentre eles a JEC (Juventude Estudantil Católica), mencionada anteriormente, assim o padre:

[...] pertencia à ordem dos franciscanos, andava sempre de marrom, com um cordão branco no alto da cintura, ele ajudava muito as pessoas necessitadas, fazendo pregações e tudo mais, era uma pessoa simples. Inclusive, quando houve as enchentes, ele mais nós da JEC, fomos para o antigo matadouro da cidade, e abrigamos os desabrigados, todos, lá, e ele era quem coordenava tudo. Depois, eles ao lado da prefeitura doaram um terreno para os desabrigados, é onde o pessoal chama de “Chão dos Padres”, por causa desse ato de doação da Igreja. Então ele era um missionário de bom coração, visitava os prostíbulos, abrigos, penitenciárias, divulgando a fé católica, em todos os lugares de Picos. Mas veja, bem, apesar dessa postura social, ele nunca foi perseguido pela ditadura, até

²⁷ Dona Maria dos Remédios era na época uma estudante do Instituto Monsenhor Hipólito, “Colégio das Irmãs”, que presenciou muito a ação do Padre Alfredo na cidade de Picos, cujo sua própria mãe Maria Fontes era uma das franciscanas da cidade que auxiliava o missionário.

²⁸ GÓIS, Maria dos Remédios F. M. Entrevista concedida à Ikaró de Fontes Góis, Picos, 2011

porque ele se preocupava com o bem estar social, se a população estava passando por dificuldades e divulgar os ensinamentos franciscanos²⁹.

A partir da memória do ex-padre Maninho, identificamos que o Padre Alfredo era um missionário que não se interessava em mudar a realidade política da época, isto é, a ditadura militar. As suas práticas não eram de oposição, mas atuando em prol da vida da população. A sua simplicidade se explicaria pela opção de sua ordem, uma vez que a ordem franciscana está inserida nos moldes da simplicidade, humildade e castidade, contendo valores que são essenciais para a fé cristã.

Dom Augusto era um parnaibano, oriundo de Parnaíba, no Piauí, chegando à cidade de Picos, no dia 25 de setembro de 1975. Ao contrário do Padre Alfredo, o bispo detinha uma postura ideológica baseada nos moldes da Teoria da Libertação, destinadas à orientação e libertação do povo picoinense, durante a ditadura, para suprirem os seus problemas através da fé. Como cita a ex - participante de grupo de jovem, Oneide Fialho Rocha:

Olha, Dom Augusto seguia a linha da Teologia da Libertação, inclusive a diocese tinha uma preocupação com os agentes da pastoral. Por exemplo, a gente tinha três assembleias diocesanas por ano. Uma era a assembleia de planejamento, outra era a assembleia formativa uma de retiro de aprofundamento espiritual e a outra era assembleia avaliativa, e nessas assembleias tinham pessoas, bispos, tinha Dom Pedro Casadália, Dom Waldir Calheiros do Rio de Janeiro, tinha Dom Telé, Dom Boffs, teve aqui, então várias pessoas ligadas a Teoria da Libertação, uma Teologia que faz a vontade de Deus, libertar o povo [...] uma Igreja comprometida com as classes populares, não para dar o pão, mas para que a pessoa se organize e lute com seus direitos, como cidadão.

[...] e ele era contra o Regime Militar, onde muitas vezes era até reclamado por alguns militares, mas nada que o comprometesse de ser preso, ou coisa do tipo, mas ele sempre nos orientava sobre os assuntos políticos e sociais, mas com imenso cuidado. [...]

Então, Dom Augusto teve grande contribuição de mudança de mentalidade nesta região, para o povo começar a se manifestar, inclusive, eu tenho vários depoimentos, onde o povo vivia de cabeça baixa no lado dos patrões, aí foi o pessoal das CEBE's, nós começamos a tomar uma nova consciência e nos organizamos no sindicato e fomos lutar por nossos direitos e tiveram conquistas, tiveram terras e adquiriram uma nova consciência de valor e que trabalhador tem voz e tem valor³⁰.

Dom Augusto era um missionário preocupado com a situação política e social da cidade e do país, influenciado pela Teologia da Libertação. Sendo atuante, durante o Regime Militar, o bispo agia na libertação do povo, na luta pelos seus

²⁹ SOUSA, Antônio Fernando de. Entrevista cedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011.

³⁰ ROCHA, Oneide Fialho. Entrevista cedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011.

direitos. O próprio bispo ensinou e ajudou, como mostra o relato acima, o povo picoense a erguer a cabeça na luta por seus direitos, usando até nomes importantes da Teologia da Libertação, que pudessem proporcionar mais ainda o fundamento ideológico dessa teologia, nas mãos do povo picoense, principalmente, na luta contra ditadura e a favor da democratização.

A citação acima nos dá, também, a reflexão de que a própria Igreja Católica de Picos estava dividida na época da ditadura, proporcionada pelos seus dois principais membros, considerando que os dois continham ideais e filosofias diferentes. Enquanto que o Padre Alfredo era detentor de uma teologia baseada nos fundamentos Franciscanos, o Bispo Dom Augusto era defensor da Teoria da Libertação. Isso se chama segundo Bernstein, partindo dos pressupostos da cultura política, a pluralidade de culturas políticas entrelaçadas por membros de um mesmo grupo com visões contrárias da realidade, acontecendo um choque entre essas duas culturas políticas. É o que complementa a senhora Maria dos Remédios:

Os dois missionários, algumas vezes, discutiam entre si, gerando assim, o encontro de idéias que na moira das vezes, não entravam em consenso. Apesar dos dois nunca discutirem sobre o tipo de política na época, no caso a ditadura, o povo falava e ainda fala que eles sempre brigavam por causa do tipo de ações e práticas que usavam com a Igreja. Veja, por exemplo, Dom Augusto era contra as atitudes do Padre Alfredo em pegar recursos da Igreja e entregar aos mais pobres. Dom Augusto era a favor que os missionários orientassem esses necessitados a irem à luta por suas condições³¹.

Com o estudo da cultura política, percebe-se que,

Em torno dessas culturas políticas podem se reunir várias famílias políticas, as quais podem ter sua identidade apreendida através de associações, sociedades de pensamento, de jornais de livros, próximos de forças políticas revestidas ou não de uma forma militante, que podem dar lugar a atitudes, a tomadas de posição, de ações, carregadas de uma forma partidária³².

Portanto, os confrontos entre os dois missionários são reflexos de suas diferentes culturas políticas religiosas, a Franciscana e a Teologia da Libertação.

Baseado nos relatos acima, a oposição da Igreja Católica no Brasil contra o regime militar influenciou os grupos religiosos na cidade de Picos, durante os anos

³¹ ROCHA, Oneide Fialho. Entrevista cedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011.

³² DUTRA, Eliana R. de Freitas. **História e Culturas Políticas**: definições, usos, genealogias. *Varia História*, nº 28 Dezembro, 2002. cit. 25

de chumbo. Influência esta, marcada, não por confrontos diretos com a polícia, ou seja, ocorrendo violências, prisões, torturas, entre os envolvidos, mas por ações cautelosas de orientações à população na busca de uma consciência política e social lutando por seus direitos e valores.

CAPÍTULO II – “OS MANDA BRASA”, EM OPOSIÇÃO AO REGIME MILITAR.

2.1 As ações do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) em oposição ao Regime Militar no Brasil

Neste capítulo, serão abordadas as ações da oposição política realizadas pelo Movimento Democrático Brasileiro, o MDB, contra o regime militar no Brasil, enfatizando em um segundo momento, a sua atuação em Picos contra o seu partido rival, a Aliança Renovadora Nacional, a ARENA. A pesquisa se preocupará, primeiramente pelos fatos ocorridos a nível nacional, enfocando toda a participação do MDB nas eleições municipais e ações desenvolvidas pelo partido a nível, estadual e federal, até a concorrência da presidência da república. Além disso, serão analisados, a formação desse partido, quem eram os seus principais representantes, o objetivo político do MDB, sua ideologia e suas ações na tentativa de derrubar a ARENA.

Sendo um dos órgãos de maior oposição à ditadura militar, instalada desde 1964, nasceu no próprio regime. Não vinha de uma organização estudantil, sindical, religiosa e nem econômica, mas, sim, de uma organização política, isto é, configurava-se por um partido político. Tratava-se do MDB, Movimento Democrático Nacional, criado em 1966, fruto do bipartidarismo implantado pelo presidente Castelo Branco, através do Ato Institucional, o AI-2³³.

Representando-se, muitas vezes como homem culto, Castelo Branco, no dia 27 de outubro, pressionado pela Linha Dura, assinou o AI-2, que rasgava a Constituição de 1946 e ampliava os poderes do presidente, deixando o país definitivamente, nas mãos da Junta Militar, suprimindo as eleições diretas presidenciais, acabando, também, com o pluripartidarismo. Surgia nesse momento as duas siglas partidárias que permaneceram por quase todo o período do regime, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) – governista – e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) – opositorista³⁴.

³³ O Ato Institucional de número dois, o AI-2, foi criado pelo presidente Marechal Castelo Branco, em 27 de outubro de 1964.

³⁴ Idem: BARRETO, Túlio Velho, FERREIRA, Laurindo. **Na trilha do golpe: 1964 revisitado**. - Recife: A Fundação; Editora Massangana, 2004. P. 259.

Segundo Daniel Aarão Reis³⁵, o governo de Castelo Branco terminou com grandes insatisfações e decepções por parte da população, tudo impulsionado pelo AI-2, que ele próprio define:

Com ele na mão, Castelo Branco cometeu as arbitrariedades que lhe pareceram necessário: milhares de cassações, no fim de seu governo, mais de 3.500 pessoas haviam de governantes legalmente eleitos, recesso do Congresso Nacional, extinção dos partidos políticos tradicionais, imposição de eleições indiretas para governadores e presidente da República, entre muitas outras decisões de caráter nacional³⁶.

Assim, o objetivo do AI-2 era colocar os partidos conservadores, no caso a UDN, no apoio aos militares, redução às candidaturas dos partidos de oposição, e ainda, colocando as eleições de forma indireta, ou seja, o presidente, vice-presidente e todos os governadores seriam eleitos pelo congresso e pelas assembleias legislativas estaduais. Essas ações pretendiam tornar cada vez mais difícil a vitória da oposição³⁷.

A redução das vagas de candidatura, também, impulsionou dificuldades aos órgãos de oposição do governo que, conseqüentemente, trouxe a redução dos partidos políticos no Brasil, fez com que na verdade se criasse somente um partido político, pois a ARENA, desde 1966, já apoiava o regime militar. Nesse sentido, é que foi criado o MDB, tornado-se o partido de oposição ao regime militar.

O confronto entre as siglas estava definitivamente armado e duraria boa parte dos anos de ditadura. A ARENA foi formada por políticos vindos dos partidos extintos, como: o PSD (Partido Social Democrático), a UDN (União Democrática Nacional), do PL (Partido Liberal), do PR (Partido Republicano), do PRP (Partido Republicano Progressista) e do PDC (Partido Democrata Cristão). O MDB abrigou políticos e membros vindos do antigo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e alguns do PSD e até mesmo do clandestino PCB (Partido Comunista Brasileiro).

Essa situação montada pela ditadura põe em confronto estes dois partidos políticos, ambos formados por uma determinada cultura política. Era o caso da política do MDB se confrontando com a da ARENA.

³⁵ Daniel Aarão Reis é professor titular de história contemporânea na UFF e doutor em história pela USP.

³⁶ REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2000. p. 43-44

³⁷ Idem: SKIDMORE, Thomas E., **Brasil: de Castelo e Tancredo, 1964-1985**. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Com referência às relações com o conceito de cultura política, pode-se assinalar que uma das razões apontadas para sua retomada pela história é o fato de:

[...] permitir explicações/interpretações sobre o comportamento político de atores sociais, individuais e coletivos, privilegiando-se seu próprio ponto de vista: percepções, vivências, sensibilidades. Dentro desses parâmetros, a categoria cultura política vem sendo entendida como “um sistema de representações, complexo e heterogêneo”, mas capaz de permitir a compreensão dos sentidos que um determinado grupo (cujo tamanho pode variar) atribui a uma dada realidade social, em determinado momento e lugar³⁸.

Com a observação da existência dessas representações de diferentes culturas políticas, na sociedade se entende as diferenças de símbolos, ideologias, textos e objetivos, pregados por esses dois partidos políticos. Portanto, é através das representações que se diagnostica a prática de culturas políticas plurais, que atendem diferentes concepções de poder, elaborando e construindo projetos paradoxais a favor de uma sociedade, com idéias opostas. Era o caso específico naquele momento da ARENA e do MDB.

A ARENA tinha como objetivo principal estruturar o Estado de Direito. Segundo Chacon, a área econômica pregada pela ARENA, tinha o intuito de reformar estruturalmente a empresa brasileira, integrando o trabalhador, para que ele participasse dos lucros, em especial na sua gestão. Já o seu programa pode ser resumido nos pressupostos, destinados a segurança nacional, principalmente a estatal cabível, somente as Forças Armadas. É mais uma prova de que a ARENA atenderia aos objetivos destinados ao atual regime³⁹.

O MDB apropriava no intuito de combater o regime militar e na defesa do restabelecimento da democracia. Basicamente, baseava-se em uma política de transformação social, partilhando-se na defesa das libertações em qualquer forma, como também na econômica, onde o desenvolvimento industrial e a reforma agrária seguiam a marcha, juntos neste setor. Na política, o MDB, restringia-se a defesa das liberdades em qualquer forma, sobretudo, na economia e no social.

³⁸ GOMES, Ângela de Castro. **Cultura política e cultura histórica no Estado Novo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 47

³⁹ Idem: CHACON, Vamireh. **História dos partidos políticos brasileiros**: discurso e práxis de seus programas. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 3ª ed.ampliada e atualizada, 1998.

A oposição do Movimento Democrático Brasileiro à ditadura dava-se na luta contra a o governo militar brasileiro aos assuntos de poder em relação ao mundo e assuntos destinados à educação e a saúde. Criticava também a ação do governo em colocar a segurança nacional seguindo o padrão imposto pelos Estados Unidos.

Dentre as idéias defendidas pelo MDB, contidas no seu plano governamental, podemos citar:

A implantação de um regime democrático, através de eleições diretas, condenando qualquer tipo de ditadura, reivindicando a liberdade partidária e supremacia do poder civil. [...] Enquanto que, no setor econômico, “planejava um desenvolvimento da economia, através da planificação global e setorial. Ainda continha uma aceitação da indústria brasileira e da proteção às atividades nascentes, principalmente na formação da infraestrutura do país” [...] Na educação, defendia “a subordinação do ensino particular ao interesse público, autonomia administrativa e didática das universidades e incentivo a criação de escolas técnicas profissionais.” [...] Já na saúde pretendia “adotar um plano geral de amparo à maternidade e a infância, fiscalização dos preços dos remédios, especialmente os estrangeiros, promovendo assim, o barateamento dos remédios. [...]”⁴⁰

Pode se afirmar que, com essas ações propostas, o MDB, possuía uma cultura política, baseada nos fundamentos ideológicos característicos de centro-esquerda, baseados na social democracia, acompanhado ainda do liberalismo social, do ambientalismo e outras políticas progressistas.

Mesmo com o fim do MDB, em 1979, percebe-se que o próprio partido deixou essas heranças ao partido posterior, no caso o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro). Isso, segundo Berstein, é aquilo que ele chama de processo evolutivo da cultura política, que acaba se tornando um corpo vivo, percorrendo novos caminhos e trazendo novos problemas e novas respostas às futuras gerações. Futuras gerações que no caso seria o PMDB, então para Jean François Sirinelli:

A cultura política assim elaborada e difundida, à escola das gerações, não é de forma alguma um fenômeno imóvel. É um corpo vivo que continua a evoluir, que se alimenta se enriquece com múltiplas contribuições, as das outras culturas políticas quando elas parecem trazer boas respostas aos problemas do momento, os da evolução da conjuntura que inflecte as idéias e os temas, não podendo nenhuma cultura política sobreviver a prazo as uma contradição demasiado forte com as realidades⁴¹.

⁴⁰ CHACON, Vamireh. **História dos partidos políticos brasileiros**: discurso e práxis de seus programas. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 3ª ed.ampliada e atualizada, 1998. cit. p. 537-540

⁴¹ RIOUSE, Jean Pierre e SIRINELLI, Jean François. **Para uma História Cultural**. Editorial Estampa Lisboa. 1998. cit. p.. 357

As primeiras eleições disputadas pelo MDB se deram logo no ano de sua legalização, o intenso ano de 1966. Apesar de estarem desfavorecidos por causa das inúmeras legislações que praticamente favoreciam o partido da situação, os opositoristas, mesmo com dificuldades, conseguiram se superar.

O resultado foi altamente surpreendente, pois os emedebistas conseguiram eleger um bom número de senadores e deputados. Nomes como: Ulisses Guimarães, Tancredo Neves, Mario Covas e Mario Martins, começavam a se destacar no cenário político, durante o regime militar no Brasil.

Dois anos depois, no ano de 1968, o MDB sofreu derrotas em boa parte das eleições diretas para prefeito e vereador, em todo o país. Mas aliado à derrota, os emedebistas ficaram descontentes mais ainda com a implantação de mais um Ato Institucional, tratava-se do AI-5, outorgado no governo de Costa e Silva.

Segundo Elio Gaspari, o AI-5 “restabeleciam-se as dimensões sumárias, cassações de mandatos, suspensão de direitos políticos. Além disso, suspendiam-se as franquias constitucionais da liberdade de expressão e de reunião”⁴². O AI-5 gerou um maior número de insatisfações por parte dos opositores ao regime. Vários políticos, oriundos do partido de oposição tiveram seus direitos políticos cassados.

Mas, foi durante governo Médici que, o MDB sofreu a sua maior derrota, durante as eleições de 1970. Segundo Skidmore, um dos motivos da derrota dos opositoristas, se deu pelas reformas eleitorais, que entraram em vigor, que praticamente ajudava e beneficiava o outro partido, no caso a ARENA que praticamente conduziria com folga o controle da situação política, naquele momento.

Assim, essas medidas determinavam segundo o próprio Skidmore define:

A primeira medida reformista reduzia o número de cadeiras na Câmara dos Deputados de 409 para 310. Mudava a base para cálculo da representação parlamentar por estado, que seria pelo número de eleitores registrados e não pelo total da população. Achava o governo que esta reforma estimularia a organização partidária em nível municipal criando a necessidade de diretórios locais e o registro de novos eleitores. Os estrategistas do governo achavam também que a enorme clientela da ARENA e os gastos públicos dar-lhe-iam vantagem decisiva sob o novo método de determinar as representações estaduais à Câmara dos Deputados e ao Senado. Com efeito, a mudança de método favorecia os estados mais desenvolvidos no Centro-Sul, cujos índices mais altos de alfabetização e de expectativa de vida significavam que o percentual de sua população de eleitores

⁴² GASPARI, Elio. **A Ditadura Escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. cit. p. 342

registrados era maior do que nos estados menos desenvolvidos, especialmente no Norte e no Nordeste⁴³.

Segundo Skidmore, devido à imensa derrota sofrida nas eleições de 1970, alguns membros do MDB achavam que o partido deveria se retirar do cenário eleitoral, mas tudo se tratava de uma estratégia, como Skidmore define:

Tratava-se de uma farsa, afirmavam, e participar dela apenas conferia legitimidade ao regime militar. Esta opinião, contudo, não prevaleceu em parte porque quase todos os políticos emedebistas radicalmente de esquerda, que podiam levar o partido à dissolução, tinham perdido seus direitos políticos⁴⁴.

Vários fatores impulsionaram o partido de oposição a não desistir da corrida eleitoral. Um dos fatores foi de quem boa parte de sua conjuntura, estavam membros dos antigos partidos, como, o PSD, PTB, E PDC, que exerciam bastante influência no cenário político local e nacional. Outro motivo era porque o MDB foi à única válvula de escape que pudesse fazer oposição legalizada ao governo, isto é, em nível de partido, fazendo disso um engajamento do MDB.

A partir de 1974, o MDB conseguiria ter a sua maior vitória durante todas as eleições que ocorreram no período da ditadura militar no país. Por outro lado, um resultado inesperado por parte dos arenistas. A exemplo disso, era a Câmara os Deputados onde a maioria das vagas foram vencidas pelo partido oposicionista, Itamar Franco e Marcos Freire, estavam entre os eleitos.

Com a vitória do MDB, o governo dos militares vira que a oposição crescia a cada eleição. Então foi por isso que o presidente Geisel elaborou um plano que diminuísse as ações do MDB e aumentasse as práticas da ARENA. Tratava-se do Pacote de Abril⁴⁵.

Toda a elaboração do Pacote de Abril teve como principal motivo o seguinte:

O problema em longo prazo era impedir que o MDB conseguisse fortalecer-se significativamente pelo voto. O imediato era descobrir um meio legal de neutralizar essa ameaça na próxima eleição. O Planalto estava

⁴³ SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Castelo e Tancredo, 1964-1985** - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. cit. p. 226

⁴⁴ SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Castelo e Tancredo, 1964-1985**. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. Cit. p. 270.

⁴⁵ O Pacote de Abril foi um plano que aumentava o poder de soberania da ARENA em relação ao MDB, criado pelo presidente Ernesto Geisel.

extremamente preocupado com as eleições para governadores em 1978 que, segundo estipulava a Constituição, deviam ser diretas⁴⁶.

Quando Figueiredo assumiu, devido à imensa pressão de órgãos opositores do governo e do povo, o presidente decretou o fim do bipartidarismo no Brasil. Assim, parte do MDB, dá lugar ao PMDB, liderado por Ulisses Guimarães, surgindo também outros, como por exemplo, o PT, PTB e outros partidos opositores a ARENA que se ligou ao Partido Democrático Social.

2.2 As práticas de oposição do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) ao Regime Militar em Picos

Esse estudo é baseado em entrevistas de memória por políticos e eleitores, filiados ao MDB na cidade de Picos. Segundo a senhora Maria dos Remédios Fontes de Moura Góis, a política na cidade de Picos foi bastante agitada por motivo de disputa de cargos administrativos e legislativos entre duas famílias: Nunes e Eulálio. Essas famílias pertenciam a partidos diferentes, respectivamente: Aliança Renovadora Nacional – ARENA e o Movimento Democrático Brasileiro – MDB.

O MDB possui uma trajetória muito singular no contexto político do município de Picos, como podemos constatar no relato de um de seus fundadores e ex-prefeito Oscar Neiva Eulálio pela tal sigla:

O MDB, como partido de oposição, era uma força que teria que aparecer, porque não haveria de existir só um partido, o partido do governo, num estado como o nosso [o Piauí]. Então nós, da antiga União Democrática Nacional, formamos o partido do Movimento Democrático Brasileiro, o MDB, posteriormente, por força de lei, lançada no Congresso Nacional, não deveriam mais existir movimentos políticos, por facções políticas pequenas e sim, partidos políticos. Daí foi que veio, por força disso, dessa lei, foi que surgiu o Partido do Movimento Democrático Brasileiro, futuro PMDB. Então, nós, que já pertencíamos ao MDB, não acrescentamos mais outras coisas, do que um “P”, que ia indicar força e poder do partido da oposição, [...] ⁴⁷

É possível, perceber que os antecedentes que marcaram a fundação do MDB, não só em Picos, mas no âmbito nacional eram formados por um grupo político heterogêneo, uma vez que uniu diferentes ideologias. Assim, por haver apenas dois partidos, muitos de seus membros se viram obrigados a migrar para

⁴⁶ SKIDMORE. , 1998, p. 372.

⁴⁷ EULÁLIO, Neiva Oscar. Entrevista concedida à Ikaró de Fontes Góis, Picos, 2011.

uma única sigla de oposição. Contudo, essa divisão é ocasionada por aquilo que chamamos de diferentes culturas políticas, contidas no mesmo grupo.

Corroborando com a assertiva, o MDB era formado por grupos de diferentes linhas de pensamento, ou seja, diferentes culturas políticas ou até mesmo contrárias, como a união de udenistas e petebistas em um mesmo partido.

O MDB era conhecido na cidade de Picos, por “mandabrasa”. Essa agremiação partidária contribuiu muito para a renovação administrativa do município. Conforme a entrevistada, Maria dos Remédios, essa renovação só foi possível com a eleição do jovem médico Oscar Neiva Eulálio⁴⁸:

Olha: a renovação administrativa de Picos só aconteceu durante as eleições de 1967, com a posse do prefeito e médico, Oscar Neiva Eulálio, ao lado de seu vice, Francisco das Chagas Bezerra Rodrigues, conhecido popularmente por Chico de Júlio. A vitória deles foi bastante suada e agitada, pois a Arena dominava a política de Picos por um longo período⁴⁹.

Através das observações teóricas de Serge Bernstein e Jean François Sirinelli, mais uma vez, podemos identificar a presença de culturas políticas paradoxais, contidas no cenário da política picoense. Dentre essas culturas, identificamos a cultura política da ARENA, baseada em ideologias conservadoras, isto é, era favorável à situação vigente de apoio ao regime militar, com intuito apenas de estabelecer a ordem na cidade de Picos. Na política do MDB, adotou-se uma ideologia de democratização e renovação do regime.

Portanto, segundo Bernstein & Sirinelli, “as culturas políticas articulam, de maneira mais ou menos tensa, idéias, valores, crenças, símbolos, ritos, mitos, ideologias, vocabulário etc.⁵⁰” Assim, esses símbolos podem vir intercalados na família, igrejas, escolas, no caso dessas duas agremiações, estão inseridas dentro dos chamados partidos políticos.

Com apenas dois partidos na cidade de Picos, as eleições se tornavam muito agitadas e disputadas, e na maioria das vezes, era até motivo de distração

⁴⁸ Oscar Neiva Eulálio era um dos principais líderes políticos do MDB na cidade de Picos e foi prefeito da em 1967. Jovem médico na época, tornou –se político devido a influência de seu tio Severo Maria Eulálio.

⁴⁹ GÓIS, Maria dos Remédios F. M. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011.

⁵⁰ GOUVÊA, Maria de Fátima S., BICALHO, Maria Fernanda B., SOIHET, Rachel. (org.) **Culturas políticas: ensino de história cultural, história política e ensino de história.** – Rio de Janeiro: Mauad, 2005. cit.32.

dos eleitores, devido às limitadas fontes de lazer da cidade, assim relata dona Alzira de Araújo Luz⁵¹:

Olha! meu filho, as eleições em Picos, naquele tempo, eram muito divertidas, logo papai era mandabrasa doente; era um dos poucos mandabrasa que tinha aqui no bairro Ipueiras, nós nos divertíamos muito com as músicas de campanha, papai nos levava para os comícios, era uma festa só, e eu achava até bom, porque não tinha esse tanto de candidato que tem hoje, só eram dois aqui em Picos, ou se era da Arena ou se era mandabrasa⁵².

Partindo da memória de José Batista, as eleições eram marcadas por rivalidade, iniciada com a eleição de Oscar Neiva Eulálio contra o seu rival e arenista, Helvídio Nunes de Barros:

As eleições eram fortes, com passeatas, muita briga muito pau e discussões. Tudo isso, começando quando o MDB veio a comandar a cidade a partir de 1967, na época de Dr. Oscar, pois antes quem mandava era a ARENA, com Helvídio Nunes⁵³.

Com essas duas memórias relatadas agora acima podem entender-se, a partir da visão de Michael Pollack, que ambas essas memórias estão inseridas em uma só. Isso é, segundo ele, chamado de memória coletiva que, apesar de ser citada por diferentes pessoas, podem ter elas os mesmos significados e sentidos, como o que foram expressas as eleições no contexto do regime militar em Picos. Assim, a memória construída pela senhora Maria dos Remédios, é a mesma memória que o senhor José Batista constrói, apesar de ambas serem relatadas por diferentes sujeitos, as duas retratam o mesmo depoimento, tornando os relatos em um só, é a tal memória coletiva, compartilhada por ambos.

Segundo a senhora Maria dos Remédios, o triunfo do MDB em Picos, deve-se o fato das eleições vencidas por Oscar Neiva Eulálio, terem sido impulsionadas pela influência política de seu próprio tio, o emedebista Severo Maria Eulálio:

Olha, a vitória dos mandabrasas começou com a vitória de Dr. Oscar, principalmente por causa da popularidade e carisma do seu tio Dr. Severo, que com astúcia soube brilhantemente derrotar o adversário político da ARENA, usando estratégias muito bem elaboradas, consta-se que Severo desafiava seus adversários e não permitia que as urnas ficassem

⁵¹ Na época a senhora Alzira de Araújo Luz, era adolescente de uns 15 anos, filha do emedebista João Martins da Luz, o popular Nicó.

⁵² LUZ, Alzira de Araújo. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011.

⁵³ BATISTA, José. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011.

guardadas para o dia seguinte após a eleição, pois tinha receio de fraudes [...] O dia da vitória aconteceu por volta da meia noite, quando a última urna foi aberta, o povo saiu às ruas de Picos ao som de trios elétricos e muito barulho de foguetes para comemorar a vitória da oposição. Foi uma noite linda e imemorável⁵⁴.

Partindo deste pleito, as eleições eram de fato bastante agitadas no período eleitoral, com grande participação popular, mas também fica evidenciado que as eleições em Picos muitas vezes eram marcadas por possíveis fraudes eleitorais. A atuação de Severo Maria Eulálio foi muito importante e decisiva nas eleições de 1967, dando a vitória da oposição, como mostra o relato de Oscar Neiva Eulálio, abaixo:

Meu tio era um homem loquaz, era um homem que discursava muito bem, era um jurista, já tendo em sua descendência, seu pai, que foi juiz durante trinta anos aqui nessa comarca, doutor Urbano Maria Eulálio, falecido em 1931, exatamente na época em que eu completava juntamente como doutor Severo, um ano de idade, não tínhamos outra cosia a não ser, a não serem profissionais liberais, independentes e com pensamento formado, com um idealismo de ser o que pudesse ser, enfrentamos, eu e ele enfrentamos ao mesmo tempo, enquanto eu seguia para prefeito, para prefeitura municipal, ele se destacava para deputado federal, e lá então como deputado, reunindo as estrelas máximas da política, que brilhavam naquela época como representantes do MDB, [...] ele era um dos dez mais importantes políticos do MDB naquela época no Congresso Nacional, esse foi o papel do doutor Severo durante o seu período de mandato⁵⁵.

Conforme a citação tem-se o intuito de identificar que o entrosamento entre Oscar e Severo partia primeiramente, dentro da família, na qual, identifica-se a presença de uma cultura política, contida não somente no eixo de um partido político, mas sim na aquisição de ideologias e formas de pensamento semelhantes. Assim, segundo Sirinelli, a cultura política consiste em “uma espécie de código e um conjunto de referentes largamente formalizados no seio de um partido, ou mais largamente difundidos no seio de uma família ou tradição política⁵⁶”.

Com os relatos de memória, também, vimos que o MDB em Picos sofreu algumas dificuldades, principalmente, proporcionada pela grande influência da ARENA, que detinha grande apoio do poder federal, a exemplo disso pode-se destacar as eleições municipais no pleito de 1971, onde o MDB sofreu derrota nas urnas para o candidato da ARENA, Professor Antonio de Barros Araújo.

⁵⁴ EULÁLIO, Neiva Oscar. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011.

⁵⁵ EULÁLIO, Neiva Oscar. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011.

⁵⁶ DUTRA, Eliana R. de Freitas. **História e Culturas Políticas**: definições, usos, genealogias. *Varia História*, nº28, Dezembro, 2002. p.24. Apud. SIRINELLI, 1992. p.157

Nas eleições seguintes, 1971-1973 o MDB não conseguiu continuar com o poder executivo municipal, sofrendo uma expressiva derrota nas urnas, como afirma à senhora Maria dos Remédios:

Estas duas eleições, o MDB perdeu de “lavada” para a ARENA, principalmente nas eleições de 1973, onde o candidato arenista, Doutor José Nunes de Barros, teve uma expressiva maioria nas urnas, com uma pequena diferença de 150 votos, que para época bastante considerável⁵⁷.

A derrota do MDB nas eleições de 1973 para prefeito também teve reflexo nas disputas legislativas, onde sete das dez vagas oferecidas foram conquistadas pelos candidatos arenistas. Dentre os nomes poderíamos citar: Djalma Pereira Nunes (ARENA), Teresa Leda Luz Costa (ARENA), José Balduino de Araújo (ARENA), Raimundo de Sá Urtiga (ARENA), Pedro Evangelista Caminha (ARENA), Milton Joaquim da Luz (MDB), Severiano Teodoro de Sousa (MDB), Emir Martins Maia (MDB) e Filiandro Portella Neto (ARENA)⁵⁸.

Essa derrota ocorreu em decorrência da dificuldade de se combater um partido, com tanta sustentação e influencia como afirma Oscar Eulálio:

Como podemos classificar a independência de idéias, se você tem as suas, eu tenho as minhas, se você procura se espelhar e ver a sua imagem “arrodada” dos bens daquilo que possa lhe favorecer para o futuro, é diferente daqueles que não gostam de ti, se eles não querem que você não consiga nada, os obstáculos aparecem no seu caminho, na sua estrada, normalmente, por que eles são os fatores contra sua boa vontade e ao seu esforço. Não posso dizer que tive tanto inimigo, por que cada inimigo que aparecia, era uma força que me dava, pra lutar e vencer com mais coragem, sem arrependimento, sem tristeza, sem nada, sempre avante, sempre à frente, esse era o que era o meu verdadeiro sonho, e continua sendo na vida, mesmo na altura dos oitenta anos [...] ⁵⁹.

Com grande sentimentalismo, o depoente mostra que a grande dificuldade de combater os obstáculos, no caso a ARENA, era muito difícil, pois existiam pessoas de má vontade no seu caminho, mostrando claramente um conflito de idéias, valores, uma vez que, segundo ele, não eram inimigos, mas divergiam sobre o pensamento político. Mais uma vez, ficam presentes as diferentes culturas políticas por parte dos partidos e conseqüentemente de seus membros. Pois, o confronto dessas idéias acabava tornando-se maior vetor para que ocorressem as

⁵⁷ GÓIS, Maria dos Remédios F. M. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011.

⁵⁸ ALBANO, Maria da Conceição Silva. SILVA, Albano. (org). **Picos nas anotações de Ozildo Albano**. Picos: Museu Ozildo Albano, 2011.

⁵⁹ EULÁLIO, Neiva Oscar. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011.

divergências e disputas entre os grupos contidos em um mesmo campo social, com objetivos de por em pratica projetos para o futuro.

É preciso lembrar que antes do término do regime militar, embora as dificuldades relatadas por Oscar Eulálio, o MDB consegue novamente retornar ao poder, nas eleições municipais de 1976, onde serão eleitos pela sigla os candidatos, Severo Maria Eulálio, tendo como candidato a vice Waldemar Rodrigues de Sousa Martins.

A candidatura de Severo ao Palácio Coelho Rodrigues⁶⁰ deve-se por causa de um desenrolar na história da política local, uma vez que um dos principais líderes nacionais do MDB iria a Picos para lançar a candidatura de Severo, como relata Dona Maria dos Remédios:

Eu era uma professora de ensino ginasial e presenciei o lançamento da candidatura de Dr. Severo a prefeito, esse fato aconteceu no antigo Cines Park, onde hoje está localizado a Igreja Universal do Reino de Deus. Esse acontecimento foi marcado pela presença ilustre do deputado federal e líder dos mandabrasas Ulysses Guimarães, que reuniu um número muito grande de pessoas, foi um dia muito agitado na cidade, com explosão de fogos e banda de música, onde o tal deputado discursou para boa parte da população local, pena que não lembro a data certa, mas acho que foi no primeiro semestre de 1976⁶¹.

Em 15 de Novembro de 1976, Severo Eulálio foi eleito prefeito municipal de Picos. Sua administração foi marcada pelo comprometimento nos setores vindos principalmente da educação e saúde, além de dar atenção ao melhoramento da vida do homem do campo. Porém, a administração dele durou pouco, interrompida por ocasião de sua morte, 24 de novembro de 1979, que causou grande comoção a comunidade local, como mostra a professora Maria Oneide Fialho Rocha:

[...] Quando foi instalado o golpe militar, acabou-se com todos os partidos e foram criados dois partidos: a ARENA, que dizia que era do sim senhor e o MDB, que era a união de vários partidos, várias ideologias que lutaram também contra o Regime Militar. Inclusive, uma das pessoas que mais representou o MDB, aqui em Picos foi Dr. Severo que muito lutou pela democracia, inclusive é bom que se diga que quando ele morreu no dia 24 de novembro de 1979, Dr. Severo tava indo para Brasília para entrar em contato com a Universidade de Goiânia, para fundar o Campus, onde você hoje estuda, foi uma luta realizada por Severo Eulálio, onde ele comprou junto com Dom Augusto, montaram uma sociedade com o Bispo,

⁶⁰ Palácio Coelho Rodrigues é o nome dado a Prefeitura de Picos, em referência ao ex-deputado federal, professor e Conselheiro do Estado do Piauí, Antônio Coelho Rodrigues.

⁶¹ GÓIS, Maria dos Remédios F. M. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011.

compraram o terreno. E quando ele morreu, ele estava lutando para abrir um campus aqui em Picos⁶².

A visão da entrevistada é confirmada em muitos trabalhos, como é o caso do trabalho escrito por Ozildo Albano⁶³:

Em pleno mandato de prefeito municipal veio a falecer em desastre automobilístico no dia 24 de novembro de 1979, nas proximidades da cidade de Valença, quando em viagem a Teresina, lá ele iria pegar o avião para Goiânia a serviço da instalação de Picos, sua terra natal⁶⁴.

Os elementos apresentados no decorrer do texto nos ajudam a esclarecer, através dos relatos memorialísticos desses sujeitos, que a política oposicionista de Picos, em especial a atuação do MDB, foi bastante relevante e atuante, dentro do cenário político picoense, durante os anos de chumbo. Com tal esforço, percebemos as atuações de políticos, como Severo Eulálio e Oscar Neiva Eulálio, ajudando a configurar o nome e o respaldo do partido, na cidade.

A oposição, também, foi marcada nas eleições disputadas pelos dois partidos, que agitavam a cidade, pondo em prática as ações intensas da população, gerando brigas, discussões e disputas, tudo isso, ocasionada pelo choque de diferentes culturas políticas, contidas em um mesmo seio social.

⁶² ROCHA, Maria Oneide Fialho. Entrevista cedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011.

⁶³ Ozildo Albano foi professor, advogado e ao mesmo tempo historiador, que contribui muito através de seus escritos e acervo de fontes para construção da História da cidade de Picos.

⁶⁴ ALBANO, Maria da Conceição Silva. SILVA, Albano. (org). **Picos nas anotações de Ozildo Albano**. Picos: Museu Ozildo Albano, 2011.

CAPÍTULO III – CORAÇÃO DE ESTUDANTE: Representações e práticas do movimento estudantil durante a ditadura militar

3.1 Representações estudantis e suas práticas no Brasil no período do regime militar

Neste capítulo, será enfatizado a atuação do movimento estudantil, dentro do contexto histórico do Regime Militar no Brasil e na cidade de Picos Piauí. Tendo, como principal foco a observação de seus objetivos, características dos estudantes, ideologias, práticas, perseguições e claro na tentativa de relatar a qual tipo de cultura política estavam engajados.

Este capítulo tem o intuito de apresentar as principais representações e práticas dos estudantes, durante o período do regime militar, contextualizando o Brasil de forma geral. Contudo, observaremos como se deu a configuração do movimento estudantil, suas ideologias, organizações, práticas, divergências entre os membros e perseguições que ajudaram a compor a História desse movimento.

Com o golpe Militar, implantado em 1964, o Brasil passou a ser governado por um regime novo, basicamente caracterizado por uma ditadura que percorreu na atuação de diversos grupos sociais, por cerca de vinte anos da história brasileira. Em oposição a esse tipo de regime, vários membros, dos mais variados segmentos sociais do Brasil lutaram para trazer novos rumos para o país na tentativa de derrubar os militares. Dentre esses membros, destacou-se a figura dos estudantes, formado, assim, por uma parcela de idealistas, na busca de novas formas de estar no social. Para muito desses jovens não faltava disposição física, conhecimento e nem ideais para sair às ruas ou fazer greves.

Nesse sentido, os estudantes, tornaram-se um dos segmentos mais importantes da oposição à ditadura, constituindo um dos movimentos sociais⁶⁵ mais fortes, que influenciou o cenário da política nacional, desde o golpe até o período de redemocratização em 1984.

⁶⁵ Os movimentos sociais partindo da perspectiva de Norberto Bobbio “constituem tentativas, fundadas num conjunto de valores comuns, destinadas a definir as formas de ação social e a influir nos seus resultados”.

BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política (2 volumes)**. Trad. Carmen C. Varrialle, Gaetano Loiai Mônico, João Ferreira, Luis Guerreiro Pinto Cacaís, Renzo Dini. Brasília: UnB, 2004.

Boa parte do movimento estudantil, possuía um elevado nível cultural e intelectual e se interessava, debatia e apresentava soluções para diversas questões do país e do mundo. Em sua grande maioria, eram adeptos de propostas esquerdistas, principalmente influenciada pelo comunismo. Liam Karl Marx, Engels, Trotsky e muitos destes acabaram se filiando ao PCB (Partido Comunista do Brasil) e a outros movimentos de esquerda das mais diferentes ordens com os ligados à igreja, a JUC (Juventude Universitária Católica) e outros movimentos ligados aos próprios estudantes, no caso, a UNE (União Nacional dos Estudantes), a AP (Ação Popular) e a DI's (Dissidências Institucionais).

Segundo Berstein a ideologia apresentada por esses estudantes, dava-se pela presença de uma cultura política⁶⁶ por parte deles. Cultura essa, que vai influenciar esses estudantes para agirem, através de suas representações contra uma determinada realidade que não os cabia, isto é, a instalação de uma ditadura militar no Brasil, com o objetivo de mudança dessa tal realidade. Então, pode-se entender que a cultura política, segundo o próprio Bernstein se define como, “sistema de representações portadoras de normas e valores que constituiriam a identidade de grandes famílias políticas”.⁶⁷ Estas famílias, no caso podem ser chamadas de famílias: comunistas, socialistas e republicanas, estas eram algumas vertentes ideológicas presentes nos estudantes brasileiros que buscavam agir coletivamente, adotando valores, regras, crenças, aspirando e promovendo uma visão melhor de futuro para o país, extinguindo de vez o Regime Militar⁶⁸.

Sendo assim, as culturas políticas podem ser originadas segundo Motta⁶⁹ que baseado nas definições de Serge Berstein e Jean François Sirinelli, mais uma vez as culturas políticas podem ser originadas por vetores sociais como, a família, instituições educacionais, cooperações militares, partidos políticos e sindicatos, uma vez que estes podem favorecer um tipo de reprodução ou produção desta cultura. Desta forma, segundo Dutra, percebe-se que esta é “um fenômeno de

⁶⁶ A cultura política pode ser estuda a partir da afiliação da sociologia com a antropologia, partindo do pressuposto de que ela pode trazer inúmeras respostas para conter os demais problemas contidos dentro do político.

⁶⁷ DUTRA, Elaina R. de Freitas. **História e Culturas Políticas**. Varia História, nº28, Dezembro, 2002. apud BERSTEIN, cit. 24.

⁶⁸ Idem: DUTRA, Eliana R. de Freitas. **História e Culturas Políticas**: definições, usos, genealogias. Varia História, Dezembro, 2002. cit. 24.

⁶⁹ É um historiador que estuda a cultura política, a partir dos conceitos, elaborados pelos historiadores franceses, Serge Berstein e Jean François Sirinelli, vertente francesa que marca o ressurgimento da história política.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Culturas**: políticas na História: Novos Estudos. Editora: ARGUMENTVM

múltiplos parâmetros, que não leva a uma explicação unívoca, mas permite adaptar-se à complexidade dos comportamentos humanos”⁷⁰.

Dentre as diversas organizações que os estudantes participavam, estavam a UNE (União Nacional dos Estudantes), cuja sede era no Rio de Janeiro. Existiam ainda, na época do regime a AP (Ação Popular) e a DI (Dissidências Estudantis). Estes demais órgãos eram conhecidos como a Nova Esquerda⁷¹.

A UNE e todo movimento estudantil, tinham como, uma de suas lutas propor uma educação de qualidade, principalmente as que eram destinadas ao ensino superior, por isso não estavam de acordo com os acordos MEC – USAID.⁷²

Naquele momento, os estudantes não apenas se limitavam aos assuntos acadêmicos e educacionais, mas também aos problemas sociais do país como: a fome, a miséria, a condição do operário urbano, as desigualdades regionais em especial o Nordeste, e assuntos relacionados para o momento como da Constituição e do Regime Militar.

Esse sentimento de preocupação, por parte dos estudantes está bem refletido na declaração feita pelo estudante Guilherme Robalinho⁷³: “A gente começava a verificar que o mundo não era apenas a nossa profissão. O encontro com os contrastes sociais despertava o sentimento de que alguma coisa tinha que mudar”⁷⁴.

Segundo Jean François Sirineli, podemos perceber que a cultura política desses estudantes também pode ser identificada por meio das representações que estes faziam sobre si mesmos. Porém, “as representações, ou os diferentes modos como os grupos figuram o mundo, são determinantes para suas escolhas e ações, pois os homens agem a partir de apreensões da realidade”⁷⁵.

⁷⁰ Ibid. , 2002, p. 26.

⁷¹ Santos, Jordana de Sousa. **A Reapreensão ao Movimento Estudantil na Ditadura Militar**. Editora Aurora, São Paulo, 2009.

⁷² O acordo MEC-USAID, pretendia anexar o ensino superior brasileiro aos moldes norte americanos. Segundo Fabiana Pira esse acordo tinha: “O objetivo era estimular e prestar assistência a um máximo de 18 universidades brasileiras, públicas e particulares, nos seus esforços para executar e institucionalizar reformas administrativas que resultariam em maior economia e eficiência operacional”.

PIRA, Fabiana. **Acordo MEC-USAID: ações e reações (1966-1968)**. Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

⁷³ Robalinho foi na época presidente da União dos Estudantes de Pernambuco (UEP). Hoje ele é secretário estadual de Saúde do estado do Pernambuco.

⁷⁴ BARRETO, Túlio Velho, FERREIRA, Laurindo. **Na trilha do golpe: 1964 revisitado**.- Recife: A Fundação; Editora Massangana, 2004. cit. p. 176

⁷⁵ BERSTEIN, Sergio. **As culturas políticas na França**. Op. cit. p.10.

Esse empreendimento de oposição à realidade do país, na época, era acompanhado ainda por elementos determinantes como: o cinema, a música, os símbolos e etc. Por estes elementos, as representações estudantis estavam realmente aglomeradas, todas agindo a favor de uma cultura política⁷⁶.

Com os elementos citados acima, evidencia-se que os estudantes serão parte importante para implantação de uma oposição contra a nova situação política que se instalara em 1964. Toda essa oposição será explanada, em protestos nas ruas, realização de greves em universidades e faculdades do país, brigas e confrontos com policiais e realização de encontros e congressos para decidirem ações dentro do próprio movimento e soluções para transformação de suas realidades.

A “música de protesto” pode ser retratada como uma das formas de representações estudantis, representada pela empolgação e gritos de Geraldo Vandré, aclamando por liberdade e democracia. Como pode ser examinada a música, “Pra não dizer que falei das flores”, considerada um hino de oposição ao regime militar, cantada muitas vezes em passeatas estudantis durante o período. Outras músicas de protesto que se tornaram hinos desses estudantes são: “Apesar de Você” e “Cálice”, do cantor e compositor Chico Buarque”.

Outra representação musical de grande repercussão dentro do movimento estudantil brasileiro foi o Tropicalismo, considerado por muitos historiadores, ao lado da música de protesto como os que mais influenciaram os estudantes brasileiros na época da ditadura. Todo o prestígio se restringe basicamente na questão que empregada esse movimento. Então o Tropicalismo foi um movimento de contracultura⁷⁷ que “mistura o arcaico e o moderno, elementos da cultura tradicional brasileira e a modernidade da vida urbana e sua cultura de consumo”⁷⁸. Com todas as representações artísticas, políticas e sociais dos estudantes no Brasil, citadas agora cima, fica claro que elas ajudaram de inúmeras formas a configurar o

Comentário de Jean François Sirineli sobre as representações como forma de identificação da cultura política.

⁷⁶ Idem: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Culturas políticas na História**: Novos Estudos: Editora ARGUMENTVM. p.22

⁷⁷ Segundo Carlos Alberto Messeder Pereira, contracultura consistiu em um movimento de costentação da realidade vigente nos anos 60. Precisamente a contracultura trata-se de “um certo espírito, um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, de caráter profundamente radical e bastante estranho às formas mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante”.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. Editora Brasiliense 6ª edição.

⁷⁸ FARIAS, Airton de. **Um olhar sobre os governos militares** – Recife: Ed. Construir, 2009. cit. 25.

movimento estudantil no país para ganhar mais força e atuação, nos embates contra a ditadura.

Depois de focar as representações estudantis, entrarei em discussão nas divergências, conflitos e alguns acontecimentos, proporcionados pelos próprios membros. Conflitos, que ajudaram a dificultar e problematizar o caminho do movimento estudantil, em oposição à ditadura militar.

Um dos diagnósticos que podem explicar os conflitos entre os estudantes é o fato de que dentro do próprio movimento estudantil, possuía uma pluralidade de culturas políticas que entraram em choque uma com a outra. Baseado nas definições de Jean François Sirinelli e Serge Berstein, essas divergências formaram uma variedade de culturas políticas, com diferentes idéias, sugestões e objetivos que acabam se confrontando. De maneira simples, o próprio Berstein define que “é evidente que no interior de uma nação existe uma pluralidade de culturas políticas, mas com zonas de abrangência que correspondem à área dos valores partilhados”.⁷⁹

Alguns acontecimentos marcaram o confronto dessas diferentes culturas políticas vigentes nos grupos estudantis. É o caso das divergências entre a AP (Ação Popular) e DIs (Dissidências Estudantis), ganhando grandes proporções dentro do próprio movimento. A AP pretendia fazer do movimento estudantil uma espécie de partido político, por isso, dava ênfase na luta de classes, mas acabava se esquecendo a luta aos assuntos associados e referidos a universidade. À DIs, pretendia lutar pelas reivindicações estudantis, mais ainda pelos problemas das classes populares⁸⁰.

Pode-se refletir que a divisão do movimento estudantil durante a ditadura, foi devido à presença de várias culturas políticas presentes, com ideais paradoxais, mas com uma coisa em comum, a tentativa de deposição dos militares. O que mais ainda reflete sobre esses confrontos entre os estudantes, é o fato, segundo Skidmore, que as divergências das diferentes posições ideológicas, mais ainda a pressão policial, causaram a mudança de rumo por parte de alguns membros, que

⁷⁹ RIOUSE, Jean Pierre e SIRINELLI, Jean François. **Para uma História Cultural**. Editorial Estampa, Lisboa. 1998. ci. P.354.

⁸⁰ Idem: SANTOS, Jordana de Sousa. **A Repreensão ao Movimento Estudantil na Ditadura Militar**: Editora Aurora, 2009.

acabaram caindo definitivamente na clandestinidade, ambos carregando suas múltiplas culturas políticas, pondo em prática seus respectivos projetos políticos.⁸¹

Mas, também se percebe que o confronto das diferentes culturas políticas entre os estudantes do movimento estudantil, atingiu também aqueles que estavam fora do movimento. Portanto, existia uma batalha entre contrárias visões de mundo. É o caso, principalmente ocorrido na Rua Maria Antônia, em que se presenciou um intenso, longo e destrutivo combate, entre estudantes da Universidade do Mackenzie que eram contra os comunistas e alunos da Faculdade de Filosofia da USP, ligados às ações da UNE.

No interior do próprio movimento eram comuns dissensões que denunciavam não apenas opções políticas, mas visões antagônicas de mundo. A “batalha da rua Maria Antônia”, em 1968, é um exemplo. Em agosto daquele ano, entrincheirados em lados opostos da rua, que fica no centro de São Paulo, alunos da Universidade Mackenzie e da Faculdade de Filosofia da USP se enfrentaram em uma verdadeira guerra, que deixou um morto – José Guimarães, um jovem secundarista de vinte anos – muitos feridos e grande destruição⁸².

Durante o regime ditatorial no Brasil, houve inúmeras perseguições realizadas pelos militares e órgãos de repressão do governo contra os estudantes, mas não tão acumulados e representativos, quanto os que ocorreram no emblemático ano de 1968. Estima-se que este ano se tornou um símbolo para o movimento estudantil brasileiro, pelo fato de que este movimento de cunho social, não ganhou somente status de nível nacional, mas sim, mantendo conexões com outros movimentos estudantis ocorridos em diversas partes do mundo. Não poderia deixar de citar os acontecimentos marcantes do maio de 1968⁸³, ocorridos em Paris na França, onde estudantes saíram nas ruas em protestos contra as atitudes ditatoriais do Governo Gaullista. Portanto, o movimento estudantil de 1968 no Brasil ganhou maior repercussão, segundo Cavalcante pela:

[...] medida em que a própria juventude da época se colocava nos centros das atenções no mundo ocidental, por causa da inusitada emergência de vários protestos juvenis ocorridos quase simultaneamente em vários países

⁸¹ Idem: SKIDMORE, Thomas. IDEM: **Brasil de Castelo a Tancredo, 1964 -1985**. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988. p. 152

⁸² BRANCO, Edwar de Alencar Castelo. **Todos os dias de Paupéria**: Torquato Neto e a Invenção da Tropicália: EDITORA: Annablume. Ed.1ª, 2005. cit.p.77

⁸³ O acontecimento de maio de 68 na França, ganhou enormes proporções em todo mundo, pelo fato de ser um movimento social não formado somente por uma única classe ou grupo, mais sim, por uma diversidade popular que quebrou preconceitos, relacionados a, classe, gênero, cultura e ser social.

daquele ano. Esta atenção dada à juventude, portanto teria colaborado decisivamente para a grande visibilidade que o ME brasileiro obteve na época⁸⁴.

Diante disso, o Movimento Estudantil passará por um período caracterizado por seu resfriamento. As guerrilhas rural e urbana mobilizaram quadros do movimento operário e os próprios estudantes que largaram a faculdade pela luta armada. Já na década de 1970, vivenciavam-se as lutas estudantis nas reivindicações com tentativas de reconstrução da UNE e a presença de órgãos criados no governo Médici que matizaram o endurecimento da repressão contra os movimentos sociais e os partidos de esquerda.

Segundo, Skidmore, o resfriamento do movimento estudantil, nesse período, teve como causa, a grande e numerosa ação da censura e da repressão contra todos os opositores ao regime, em especial o movimento estudantil. Assim, os estudantes sofreram intervenções nas universidades, tendo como conseqüências, muitas prisões, torturas, expulsões e duros confrontos, causando então o silêncio estudantil⁸⁵.

Nesse período, se registrou o maior número de prisões, seqüestros, prisões, mortes e torturas, contra a esquerda, principalmente vindas do movimento estudantil. Mas, os rumos foram virados novamente dentro do movimento, a partir do final da década de 1970 e começo de 1980. Em 1979, houve a refundição da UNE, num congresso em Salvador e mais tarde sairia a tão sonhada redemocratização, ocorrida em 1984.

3.2 Representações e ações dos estudantes em Picos, durante o regime militar

O que se pôde observar no tópico anterior, é que todas as ações estudantis se deram com bastante expressividade, no mais variados lugares do Brasil, em especial nos grandes centros urbanos. Partindo por esse ponto, buscarei analisar como esses acontecimentos que ocorreram no centro-sul do país, chegaram e atingiram parte da juventude picoense na época do regime militar.

⁸⁴ JUNIOR, Idelmar Gomes Cavalcante, BRANCO, Edwar de Alencar Castelo. **Entre a rainha e arquibancada: a autoria imprecisa do movimento estudantil nos interstícios de 1968**. Clio - Série Revista de Pesquisa Histórica - N. 26-1, 2008 cit. p. 119

⁸⁵ Idem: SKIDMORE, Thomas. IDEM: **Brasil de Castelo a Tancredo, 1964 -1985**. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.

O principal alvo de investigação serão os estudantes da cidade de Picos, no período de 1960-1980, no sentido de compreender se estes estudantes possuíam um movimento estudantil, como o das grandes capitais brasileiras. Nesse sentido, vamos tentar compreender se essa consciência política foi capaz de fazer com que esses estudantes lutassem e agissem, com o intuito de mudar a realidade que naquele momento em Picos e no Brasil, depois do golpe de 1964 se instalava.

Dentro do próprio contexto da ditadura, a juventude estudantil picoense também ganhou grande repercussão no cenário local, mas de forma totalmente diferente do que aconteceu em boa parte do resto do país.

A juventude estudantil picoense, segundo alguns depoimentos, caracterizou-se por ser extremamente tranqüila, nos moldes desejados pelo regime militar, por isso não houve relatos de perseguidos. Isso porque, todo o seu movimento se representava através de lutas, ações e assuntos que não possuíam caráter direto com a política, mas sim, pelos direitos dos estudantes, como: a busca de meio entrada em lugares que proporcionava um lazer na cidade. Esta ação específica se devia, sobretudo, pelo fato dos estudantes picoenses não serem, atuantes no espaço oficial do fazer político, isto é, não possuíam uma determinada cultura política de reivindicação e atuação no espaço político partidário. É como mostra o relato do ex-estudante na época, José Batista, conhecido, por Zezé:

Na cidade de Picos, o estudante na época ginásial era tranqüilo, nós nunca tivemos assim uma perseguição a respeito por causa da ditadura, nunca tivemos um movimento desse estilo. Tivemos movimento estudantil assim: procurando seus direitos em metade de entrada num circo, metade de entrada num cinema, essas eram as nossas reivindicações que de vez em quando a gente tinha que ir à luta, porque ninguém queria dar, ninguém queria aceitar e fizemos muitas vezes movimento, passeata para chegar a ganhar esse direito, mas perseguição na ditadura mesmo à estudante não tinha, mesmo porque aqui não tinha estudantes políticos, eram mais quietos era o estudo ou a diversão, era um dos dois, era o que existia em Picos⁸⁶.

Como mostra o relato do ex - estudante José Batista, percebemos que a cultura política do movimento estudantil picoense se caracteriza por ser voltada aos assuntos acadêmicos, vivenciados por um estudante comum e não a assuntos políticos vigentes na época. Assim, percebe-se que Picos tinha um movimento que buscava as mudanças contra uma determinada realidade que não atendia os interesses dos estudantes picoenses, por isso a presença de uma cultura política,

⁸⁶ BATISTA, José. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011.

mas não voltada aos assuntos do político oficial. Pois, a cultura política, possui “formas pelas quais se manifestam e se evidenciam mais frequentemente: um projeto de sociedade, de Estado ou uma leitura compartilhada de um passado comum, por exemplo”⁸⁷.

Segundo o próprio Zezé, o movimento que ele próprio constrói, caracterizava pela tranqüilidade do estudante, que atingia também a própria cidade de Picos, durante a ditadura militar, que naquele contexto apresentava-se nos moldes de uma pequena cidade do interior, com a presença de um ambiente calmo, estável e pacato, praticamente sem grandes agitações. Outro ponto importante é o perfil do estudante picoense caracterizado também pelo não envolvimento com drogas que, naquela época começava a se espalhar, principalmente na juventude dos anos 1960. A forma com que as pessoas reagiam com esses tipos de sujeitos que usavam drogas, eram banidos e excluídos dos grupos juvenis da cidade. Prática, típica de uma sociedade extremamente tradicional, como era a picoense, totalmente diferente dos costumes que se viam em alguns lugares do Brasil e do mundo, onde esta juventude dos anos sessenta segundo Edwar de Alencar Castelo Branco, foi também marcada pelo intenso uso de drogas, principalmente no meio acadêmico das universidades, significando assim, até como forma de protesto contra uma determinada realidade⁸⁸. Mas, o uso de drogas na cidade de Picos era um pouco diferente, como o próprio Zezé cita:

Era uma cidade muito tranqüila, muito pacata sem movimentação, tinha uma juventude muito tranqüila sem muita farra sem muita droga. Aquele que usava era afastado da sociedade ficava “gelado”, ficava só para ele, ninguém queria amizade com esse tipo de gente assim, então era bem tranqüilo [...] ⁸⁹.

A partir desta lembrança, pode-se identificar à presença de uma memória coletiva, vinda do próprio Zezé. Partindo dos pressupostos apontados, por Maurice Halbwachs⁹⁰ à memória coletiva consiste de que todas as memórias e recomendações são originadas, através de um determinado grupo. Ou seja, tudo

⁸⁷ SOIHET, Rachel, BICALHO, Maria Fernanda B. e GOUVÊA, Maria de Fátima S. **Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história**. – Rio de Janeiro: Mauad, 2005. cit. p. 32

⁸⁸ Idem: BRANCO, Edwar de Alencar Castelo. **Todos os dias de Paupéria**: Torquato Neto e a Invenção da Tropicália: EDITORA: Annablume. Ed.1ª, 2005. cit.p.75

⁸⁹ BATISTA, José. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011

⁹⁰ HALBWACHS, Maurice (1877-1945). **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

aquilo que sentimos, pensamos, discutimos, debatemos, atribuímos, são estimuladas pelo tal grupo, daí se tem a produção dessa memória coletiva.

A memória coletiva, segundo ainda Michael Pollak⁹¹, pode representar:

Algo sobre aquilo que um determinado povo pretende estabelecer sobre um determinado acontecimento ocorrido no passado. Portanto, a fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separam, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor⁹².

A memória coletiva está contida dentro do próprio relato do José Batista, onde a tranqüilidade exposta por ele dos estudantes e da cidade de Picos, é fruto não só de sua memória individual, mas, sim, de uma memória oriunda das relações estabelecidas com determinados grupos. Estes seriam a própria sociedade picoense que impõe valores e reflexões, em que o individual acaba se restringindo ao coletivo.

Outro ponto a ser debatido, a partir da memória dos estudantes picoenses, é o fato de que esta juventude não tinha nenhum caráter político tradicional. Assim, a presença de uma cultura política, de alteração sobre os aspectos políticos oficiais, por parte desses jovens, era praticamente inexistente, não se pensava em assuntos políticos, não tinham influência vinda da esquerda, ou qualquer atuação partidária. Isso pode se deduzir que as suas representações eram destinadas aos assuntos comuns e particulares, ao interesse estudantil. A ex-estudante Olívia Rufino⁹³ define,

[...] nós fizemos até enterro do fiscal que queria atrapalhar a vida da primeira turma do pedagógico, não teve conversa fizemos o enterro: colocamos um pau dentro do caixão, flor, fomos até a porta dele acendemos vela. Padre Davi tentou impedir, mas não teve jeito colocamos o caixão dentro do coreto e aja discurso, eu era até a viúva⁹⁴.

Esse episódio ocorreu no ano de 1965, na formação da primeira turma do pedagógico de Picos. O fato se deu por causa das inúmeras e duras regras impostas pelo fiscal, que na época era uma espécie de coordenador da escola

⁹¹ POLLAK, Michael. **Memória Esquecimento Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1989.

⁹² Ibid. 1989, p.3

⁹³ Relato de Olívia Rufino na época de estudante no início do Regime Militar, retratando o tipo de manifestação feita pelos estudantes picoenses, destinados apenas a assuntos particulares vindas do ambiente escolar e não a assuntos políticos e sociais.

⁹⁴ RUFINO, Olívia. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011.

Dorinha Xavier⁹⁵, uma das primeiras escolas de Picos. As regras impostas por este fiscal, segundo Olívia Rufino, limitavam o acesso dos alunos a festas e tertúlias realizadas pelo grêmio estudantil na escola. Olívia cita também que estas festinhas, eram em prol das festividades que marcavam a formatura da turma. Por conta disso, todos os estudantes realizaram uma manifestação em frente à sala do fiscal em forma de enterro contra tal ordem. Antes do ocorrido, os estudantes procuraram o Padre Davi que ministrava aulas de Ensino Religioso na escola. O padre pediu que os alunos se acalmassem e não realizassem esse tipo de manifestação, mas não houve sermão que impedisse tal atitude por estes estudantes, que fizeram reclamações e oposições contra as atitudes do fiscal.

O enterro feito pelo movimento estudantil representou bem um dos símbolos utilizados pelos estudantes como forma de insatisfação com a situação que não os atendiam. Foi através dessas representações de manifestação que eles próprios acabaram se tornando um “instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de reconstituí-lo em memória e de figurá-lo como ele é”⁹⁶.

Como foi dito antes, o movimento estudantil picoense se caracterizou na memória de seus participantes por um movimento de caráter simples, que lutava apenas pelos direitos particulares dos estudantes. A princípio Picos tinha como representação estudantil a USPI (União dos Estudantes Secundários Piauienses), formada por uma diretoria com policiamento, destinada a alertar todo estudante, e tinha como um dos principais líderes na época do regime militar, o Fernando Rui⁹⁷. Dentre as instituições de ensino que atuavam esses estudantes, estavam a Unidade Marcos Parente e a Escola Dorinha Xavier que pertencia à própria Dorinha.

A juventude estudantil de Picos lutou várias vezes por seus direitos, repito, mais uma vez, não lutou pela situação política vigente na época, isto é, em oposição à ditadura militar, às desigualdades sociais e outras questões que afetavam o movimento estudantil em outras partes do Brasil e até mesmo no Piauí. Mas, realizaram várias manifestações e comícios na conquista de direitos. Dentre esses, pode-se citar ocorreram quando o movimento estudantil pretendia conquistar a meio

⁹⁵ A escola Dorinha Xavier foi uma das primeiras escolas da cidade de Picos, situada no centro da cidade, na rua Coelho Rodrigues, onde hoje é situado o Armazém Nordeste.

⁹⁶ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**: Rio de Janeiro: Bertrand, 1990. p. 20.

⁹⁷ Fernando Rui era um estudante do ginásio de Picos. Foi líder estudantil da União dos Estudantes Secundários Picoenses.

entrada, no famoso cinema, Cines Park, lugar de grande encontro da juventude picoense. Em decorrência da reivindicação, o caso foi levado ao juizado, destacando-se várias lideranças como: Fernando Rui e José Lee, como mostra o relato do senhor Zezé,

Tiveram alguns, de maior destaque, foi quando a gente fez um comitê lá em frente do antigo Cine Park, onde é hoje a Igreja Universal. Nós fizemos uma manifestação muito grande, inclusive fomos chamados ao juizado; o juiz no outro dia reuniu com as lideranças e fomos até ele e entramos num acordo junto com o proprietário. Esta foi uma das maiores, pois houve muitas manifestações, muitos comícios; nós tínhamos um rapaz com nome de José Lee que hoje mora em Teresina é pai de Dr. Paulo, ele era muito forte na liderança, ele fazia discursos inflamados⁹⁸.

Outro acontecimento realizado pelos discentes de Picos foi uma manifestação realizada em frente à prefeitura municipal pelo direito dos estudantes. A manifestação ocorreu no ano de 1983, segundo Olívia Rufino, que na época era vereadora, cuja a manifestação era por causa da vedação da lei municipal, que dava direito aos estudantes terem a carterinha estudantil, que naquela época era emitida por uma determinada empresa que cobrava muito mais do que era permitido. Então, revoltados, os estudantes saíram em manifestação em direção à prefeitura, fazendo uma espécie de cercamento da câmara dos vereadores. Devido, a este fato, a lei foi definitivamente sancionada, com o objetivo de produzir carterinha do estudante com seu devido valor.

[...] a lei que criou o direito aos estudantes que só tinha em Teresina, fui buscar e entrou aqui foi aprovada na câmara e dono da empresa brigou me ameaçou, o prefeito vetou, mas a lei entrou em vigor na “marra”, os estudantes fecharam câmara com prefeitura com tudo e não teve jeito, nós fizemos à lei e valeu⁹⁹.

Mais uma vez, verifica-se que a cultura política da juventude picoense ficou a serviço de assuntos destinados aos seus interesses particulares. Toda essa ação pode ser explicada pelo fato de que uma cultura política não é uma mensagem unívoca. “Ela é a resultante de uma multiplicidade de fatores, de uma composição de influências diversas, oriundas dos vários vetores por onde passam à integração da

⁹⁸ BATISTA, José. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011

⁹⁹ Nesse acontecimento, Olívia Rufino era vereadora pelo partido da ditadura, ARENA. Ela foi a responsável pela elaboração da lei que detinha os direitos dos estudantes. RUFINO, Olívia. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011.

cultura política, o que nos interdita pensar que uma influência se exerce sobre os indivíduos e a coletividade”¹⁰⁰.

Em Picos, o que se percebeu foi que as culturas políticas que envolveram a prática política oficial, atingiram somente uma pequena parcela da população. Eram pessoas, muitas vezes, vindas da elite picoense que anteriormente a ditadura militar, faziam parte das famílias que se constituía um dos principais grupos políticos em Picos. É o caso de nomes; do radialista Francisco Júlio, o “Chico de Julio”, Dr. Oscar e Severo Eulálio¹⁰¹.

Realçando os estudantes possuidores de uma cultura política, voltados aos assuntos políticos, principalmente de oposição a ditadura, era de pequena existência. O que realmente se via, era uma pequena parcela estudantil que estudava nas grandes capitais do Brasil, principalmente na cidade de Recife e que de lá adquiriam conhecimento e contatos com ideologias partidárias e sociais, lutando assim contra o regime da época.

O relato abaixo de José Batista mostra que alguns estudantes picoenses atuaram fora da cidade contra o regime, ainda que pela sensação de insegurança e medo que constituíam aquele momento, ele evita citar nomes:

Ora, rapaz (risos), seria até pecado citar nomes, mas conheço sim, conheci sim, pessoas que são picoenses que moram hoje aqui fazia parte da elite na época, estudavam fora e foram saídos do terceiro ou quarto ano de direito por causa da política da ditadura no movimento estudantil. Então ele teve que ir embora para não ser pego, esse sim eu conheço, mas eu vou evitar alguns nomes, ele tá por aí, então é bom evitar¹⁰².

Neste relato, podemos identificar a presença de uma memória subterrânea, que, segundo Pollack, consiste no relato de traumas ocorridos em um determinado passado. Traumas estes que não foram expostos publicamente, por isso que ela também pode ser chamada de memória proibida ou memória clandestina. O fato é que a memória de Zezé Batista centraliza um trauma vivido, não por ele, mas sim vivido por outra pessoa. Esta pessoa tratava-se de um estudante picoense que estudava o curso de Direito em Recife e que lutou contra a ditadura e foi preso, talvez torturado e conseqüentemente devolvido pela justiça, a sua terra natal. Por

¹⁰⁰ IDEM: DUTRA, Eliana R. de Freitas. **Histórias e Culturas Políticas**: Definições, usos, genealogias. *Varia História*, nº28. Dezembro, 2002. p.26.

¹⁰¹ Estes nomes citados acima formaram o celebre grupo de políticos picoenses que fazia parte do partido MDB, cujo era de cunho oposicionista ao partido da ditadura militar, no caso a ARENA.

¹⁰² BATISTA, José. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011.

isso que o próprio Zezé evita falar o seu nome, fazendo desta memória subterrânea cercada de certo silêncio¹⁰³.

Segundo Pollack, em face desta lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas. E algumas vítimas, que compartilham essa mesma lembrança “comprometedora”, preferem, elas também, guardar silêncio. Em lugar de se arriscar a um mal-entendido sobre uma questão grave, ou até mesmo de reforçar a consciência tranqüila, prefere manter o silêncio¹⁰⁴.

Outro exemplo de estudante de Picos, que lutou contra a ditadura nos grandes centros urbanos, foi o primo de Olívia Rufino, Elias Rufino, que na época estudava Direito em Brasília. Elias era um jovem estudante que era militante da esquerda e tinha ideais comunistas. Esse estudante viu de perto o que ocorreu na instalação do golpe de 1964 e os anos de ditadura no país. Segundo Olívia, ele próprio o, avisou de que ia ocorrer o tal golpe e que ela não se preocupasse, pois o seu marido era dos militares. Contudo, ele encontrava-se em Brasília, infelizmente, e acabou sendo preso, relacionado com outro da Intentona Comunista, como lembra a entrevistada,

Eu tinha um primo que fazia parte da oposição e ele ia se encarregar daqui na Revolução que todo mundo ia dizer que não ia ter comunista, mas ia ter sim, não é que o comunismo seja o que muita gente pensa, é uma doutrina social, uma doutrina, um regime político. O meu primo chama Elias para você ter uma idéia, lá ele ficou com a gente lá no interior e ele disse que ia ter uma revolução, mas que eu não me preocupasse porque meu marido era militar e não ia ter problema com ele, e ele veio para se encarregar da cidade juntamente com outros aqui que ele não me dizia o nome que tinha aqui na cidade e ele não me dizia por que era segredo, eu só sabia dele. E no dia que arrebentou a revolução ele fugiu daqui, pegou o avião em Teresina e quando ele chegou a Brasília pegaram ele. [...] não mataram, eu digo que deram uma prensa nele [...] ele ficou meio atacado, ele estudava direito, sabe qual o codinome dele na Intentona Comunista que ia ter no Brasil: João Ji [...].¹⁰⁵

Outra forma de identificar a singularidades de atuação entre o movimento estudantil picoense são as músicas e manifestações artísticas que ambas realizaram, durante o regime militar.

¹⁰³ POLLAK, Michael. **Memória Esquecimento Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1989.

¹⁰⁴ Id, 1989, p. 4.

¹⁰⁵ RUFINO, Olívia. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011. Segundo a própria Olívia Rufino, o seu primo Elias ficou atacado e permanece com umas manias de andar de um lado, para o outro e veste-se apenas de verde.

Segundo a ex-estudante Maria dos Remédios, os estudantes costumavam-se apresentar em desfiles cívicos durante os festivais sete de setembro, onde toda a cidade aguardava ansiosa.

O mais interessante era que os estudantes sejam eles, dos ensinos primários e ginásial, médio ou pedagógico, tinham o dever de desfilar, ambos com os uniformes. O não cumprimento dessa devida ordem, acarretaria na punição do estudante com menos dois pontos em todas as matérias.

Mas, mesmo com essa ordem, os estudantes gostavam muito dos desfiles, cantando o hino nacional com intensidade e realizando atividades culturais, como, danças, apresentações teatrais, e dentre outras, enfocando todo o sentimento de nacionalização. Segundo lembra a entrevistada,

Os estudantes do ensino primário, ginásial e pedagógico, realizavam desfiles cívicos, durante o sete de setembro. A cidade inteira ia assistir esses desfiles na Praça Félix Pacheco e na Avenida Getúlio Vargas e aguardava ansiosa todos os anos. E os estudantes, todos eles deveriam desfilar, pois se não, era punidos com menos dois pontos em todas as matérias. Era uma ordem em que todos os colégios de Picos tinham que manter. Olha meu filho, apesar de vivermos na época uma ditadura militar, todos os estudantes gostavam de desfilar, cantar o Hino Nacional, faziam atividades culturais, danças, apresentações teatrais e muito mais, retratando a pátria, era muito bonito¹⁰⁶.

José Batista também retrata que os estudantes de Picos, costumavam realizar pequenas tertúlias ou festinhas residenciais em casas de amigos, com a presença da valsa de colação de grau. Costumavam ir às tertúlias no Picoense Clube¹⁰⁷ aos sábados, lugar de grande diversão com festas, concertos musicais, em que se presenciava boa parte da juventude picoense.

Dentre as músicas que os jovens escutavam, estava o famoso forró pé de serra, depois o rock e twist, cantando mais ainda músicas dos Beatles, Rolling Stones e principalmente a jovem guarda de Roberto Carlos e Erasmo Carlos e mais, embalados muitas vezes pelo o conjunto musical “Os Leões”, na qual Zezé fazia parte como tecladista do grupo.

A única diversão que a gente tinha era: uma tertúlia, festinhas residenciais que nós inventávamos eram ensaios de valsa para colação de grau. O ensaio de valsa começava no começo do ano. Então a gente tinha o ensaio

¹⁰⁶ GÓIS, Maria dos Remédios Fontes de Moura. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011.

¹⁰⁷ Picoense Clube era um clube de intensa diversão da juventude picoense, principalmente na década de 1970 e 1980, onde se realizava festas e tertúlias.

de valsa no começo do ano na residência de algum companheiro, colega. Na quarta tinha uma tertúlia e no sábado um balzinho no Picoense. As músicas eram nem tanto, mas ainda tocava nos anos 60 antes de 64 um forrozinho pé de serra e outra coisa qualquer depois disso é que surgiu “Os Leões” com o rock e o twuist ritmos que se ouviam no sul que agente conseguia tocar aqui. Daí é que começou. Então agente tocava Beatles, Os Rolling Stones, Renato e seus Blue Cats e outros que agente esquece o nome, Roberto Carlos, o “tremendão” Erasmo Carlos¹⁰⁸.

Ao contrário dos estudantes picoenses que estudavam na cidade, os picoenses que estudavam em Recife, quando vinham passar suas férias na cidade, participavam das tertúlias, mas pediam músicas relacionadas à ditadura. Eram as tais músicas de protesto, que segundo o próprio Zezé, foram tocadas várias vezes no Picoense Clube pelo grupo “Os Leões”.

Cantamos muito a pedidos dos estudantes que vinham de fora, universitários. Naquela época os universitários eram quem se manifestavam muito politicamente aí de vez em quando eles pediam Caetano Veloso, Maria Bethânia, daí, quando tava dentro do repertório a gente tocava. Inclusive teve uma vez que a gente tocou em Bezerros e só deu universitários de Recife que era perto, então tocamos essas músicas de protesto, mas aqui em Picos poucas vezes só os estudantes de fora que moravam em Recife¹⁰⁹.

Contudo, tem-se a clareza de que os movimentos estudantis apresentados tiveram grande relevância na história desse tipo de movimento social. Mas, percebemos que ambos possuíam características diferentes e paradoxais. Uma delas estava em seus objetivos. Apesar de que o movimento estudantil a nível nacional possuísse diferentes ideologias dentro do grupo, tendo como principal intuito, o combate ao regime militar no Brasil. Enquanto que o outro movimento na cidade de Picos tinha objetivos ligados aos direitos comuns do estudante.

Com tal configuração contrária de objetivos, como consequência, percebe-se também que os dois movimentos se constituíam com a presença de culturas políticas, desiguais. Afinal, no movimento estudantil no Brasil, os estudantes detinham uma cultura política voltada aos assuntos sociais e políticos de cunho partidário. Já a movimentação dos discentes em Picos, era postulada pela presença de uma cultura política, voltada aos interesses individuais e gerais da classe

¹⁰⁸ BATISTA, José Batista. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011. Cit. José Batista, estudante e ex-integrante do grupo “Os Leões”, em Picos.

¹⁰⁹ BATISTA, José. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011.

estudantil, que lutava por seus direitos e deveres, no cenário da cidade picoense, conforme já observado anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante toda a pesquisa bibliográfica e de memória desenvolvida neste trabalho monográfico, pode-se constatar a grande relevância para refletirmos e pensarmos criticamente sobre o que foi realmente o Regime Militar em todo território nacional, principalmente levando-se em consideração o cenário picoense. Os dados coletados e analisados, especificamente os voltados sobre o contexto histórico da vida cotidiana do povo picoense nos anos de chumbo, relatam suas práticas e representações religiosas, políticas e sociais. Essas práticas são bastante interessantes e desafiantes para historiadores, que queiram ou estejam voltados em ampliar seus conhecimentos historiográficos ou solucionar alguns problemas, que envolvam a temática exposta.

Atualmente, para nós brasileiros, com as novas tecnologias de comunicação, informação e de liberdade de expressão e novos estudos historiográficos fica mais nítida a versão do que foi mesmo o Regime Militar de 1964 a 1985. E com este estudo monográfico, percebe-se, como foi à luta dos políticos opositores, da classe estudantil, artística e educadora, bem como também, de muitos civis e religiosos contrários ao regime, que exigiram por mudanças e melhorias nos setores, econômico, educacional, político, da saúde, segurança e na luta contra as normas autoritárias impostas pela ditadura militar, tudo em prol de uma democracia almejada.

Constata-se, através das pesquisas e entrevistas de memórias realizadas, que em Picos, existiam dois partidos políticos: MDB (Movimento Democrático Brasileiro) e ARENA (Aliança Renovadora Nacional), os quais se enfrentavam durante a corrida eleitoral, em cujos pleitos membros pleiteavam arduamente pelos cargos executivo e legislativo. Verificam-se também, como os líderes oposicionistas tiveram sua relevância em lutarem pela democracia, contra as normas impostas pelo regime vigente no país. Entre esses oposicionistas, destacam-se as figuras incansáveis dos ativistas: Severo Maria Eulálio, Oscar Neiva Eulálio, Francisco das Chagas Bezerra Rodrigues e de alguns eleitores influentes.

No campo religioso, ressalva-se a participação ativa social do jovem padre Alfredo Shefler, que tinha como missão à ajuda comunitária aos mais humildes e necessitados. Entre os jovens da comunidade picoense, o seu papel foi influente no que diz respeito à formação sacerdotal de alguns, e para outros, os de formação

social e de cidadania. Entre os seus trabalhos gratificantes vê-se a fundação de vários grupos religiosos, entre eles o MIC (Movimento de Integração Cristã) e tantos outros.

Outra figura religiosa de respaldo para o povo picoense encontra-se a imagem do libertador Dom Augusto Alves da Rocha, adepto da Teologia da Libertação. Sua atuação como missionário foi um trabalho renovador, pois suas ideologias sempre estiveram em disposição de alertar, orientar e estimular trabalhadores, estudantes e pessoas necessitadas na luta pela democracia, direitos e valores, durante o período da ditadura. Daí tem-se a presença de grupos religiosos e sindicatos, como: a Juventude Estudantil Cristã, as Comunidades Eclesiais de Base, a Comissão Pastoral da Terra e várias outras, organizações estas que lutaram para o bem do povo picoense.

Alguns relatos de memória sobre a vida e participação dos jovens estudantes, dentro do Movimento Estudantil, em Picos merecem apreço pelas suas práticas e representações na tentativa de lutarem por seus direitos, pois a cultura política contida neste movimento estudantil era de interesses comuns relacionados apenas a essa classe. Portanto, a cultura política do Movimento Estudantil de Picos não era de cunho político ou partidário na luta e oposição, contra a ditadura militar, diferente de alguns movimentos contra o regime que encheram boa parte do País, apesar de verificar através das memórias alguns acontecimentos de oposição por parte de alguns estudantes picoenses que estudavam em Recife e Brasília.

Vale salientar, a disposição brilhante dos entrevistados: a professora Oneide Fialho Rocha, Antônio Carvalho de Sousa (ex-padre Maninho), dona Maria dos Remédios Fontes de Moura Góis, Dona Olívia Rufino, Alzira Araújo Luz, José Batista (Zezé ex - membro do conjunto "Os Leões") e o ex-prefeito de Picos, Oscar Neiva Eulálio que deram seus testemunhos para a realização deste trabalho historiográfico sobre os fatos que aconteceram durante o período dos anos de chumbo na cidade de Picos.

Espera-se que o tema abordado venha a ser objeto de estudo, criando perspectivas e despertando uma consciência política em cada sujeito nas escolas de ensino fundamental, médio e ensino superior, sobre o estudo historiográfico do Regime Militar. E ainda que dentro do estudo historiográfico brasileiro, no Piauí e principalmente na cidade de Picos, possa abrir portas para novos trabalhos, realizados por outros simpatizantes do tema, abrangendo um constante diálogo a

respeito do estudo de fatos e acontecimentos, relativamente aos anos de chumbo. Relatos estes que consistem em construir a memória das práticas e representações dos sujeitos que vivenciaram o período do Regime Militar no Brasil.

Enfim, entende-se que o período da ditadura militar, vivenciado por tantos brasileiros da época, sirva de exemplo para os brasileiros de hoje, e do futuro, a saberem lutarem sempre em busca da realização de seus ideais, direitos e valores.

REFERÊNCIAS

- ALBANO, Maria da Conceição Silva. SILVA, Albano. (org). **Picos nas anotações de Ozildo Albano**. Picos: Museu Ozildo Albano, 2011.
- BARRETO, Túlio Velho, FERREIRA, Laurindo. **Na trilha do golpe: 1964 revisitado**. Recife: A Fundação; Editora Massangana, 2004.
- BATISTA, José. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos: 2011.
- BOFF, Leonardo e BOFF, Clodovis. **Como fazer teologia da libertação**. Petrópolis: 8ª ed. Editora Vozes, 2001
- BRANCO, Edwar de Alencar Castelo. **Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a Invenção da Tropicália 1ª Ed.** São Paulo: Annablume, 2005.
- CHACON, Vamireh. **História dos partidos políticos brasileiros: discurso e práxis de seus programas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 3ª edição ampliada e atualizada, 1998.
- CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. Gallhardo/Rio de Janeiro: Difel/Brasil, 1990.
- DUTRA, Eliana R. de Freitas. **História e Culturas Políticas: definições, usos, genealogias**. Varia História, nº 28 Dezembro, 2002.
- EULÁLIO, Neiva Oscar. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos, 2011.
- FABER, Marcos Emílio Ekman; SANTOS, Giovana Inácio dos; GOULART, Josiel Eilers. **Teologia da Libertação: Resistência Intelectual nos Anos de Chumbo**. Disponível em: <<http://www.historialivre.com/brasil/teoliberta1.htm>> Acesso em: 06 de junho de 2011.
- FARIAS Airton de. **Um olhar sobre os governos militares**. Recife: Ed. Construir, 2009.
- GASPARI, Elio. **A Ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GÓIS, Maria dos Remédios Fontes de Moura. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos: 2011.
- GOMES, Ângela de Castro. **Cultura Política: História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.
- _____. **Cultura política e cultura histórica no Estado Novo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- GOUVÊA, Maria de Fátima S., BICALHO, Maria Fernanda B., SOIHET, Rachel. (org.) **Culturas políticas: ensino de história cultural, história política e ensino de história**. – Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

HALBWACHS, Maurice (1877-1945). **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

JUNIOR, Idelmar Gomes Cavalcante, BRANCO, Edwar de Alencar Castelo. **Entre a rainha e arquivancada**: a autoria imprecisa do movimento estudantil nos interstícios de 1968. São Paulo: Clio - Série Revista de Pesquisa Histórica - N. 26-1, 2008.

LUZ, Alzira de Araújo. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos: 2011.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Culturas**: políticas na História: São Paulo: Novos Estudos. Editora:

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & Cultural**. Belo Horizonte: 2ª. Ed. Autêntica, 2004.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. Editora Brasiliense 6ª edição.

PIRA, Fabiana. **Acordo MEC-USAID: ações e reações (1966-1968)**. Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

POLLAK, Michael. **Memória Esquecimento Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol.2, n. 3, 1989.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

RIOUSE, Jean Pierre e SIRINELLI, Jean François. **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

ROCHA, Maria Oneide Fialho. Entrevista cedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos: 2011.

ROSA, Juliano de Melo. **As vozes de um mesmo tempo**: a educação física institucionalizada no período da Ditadura Militar em Cacequi. Dissertação de Mestrado em Educação/UFSM. Santa Maria: UFSM, 2006.

RUFINO, Olívia. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos: 2011.

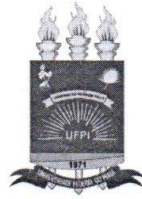
SANTOS, Jordana de Sousa. **A Repreensão ao Movimento Estudantil na Ditadura Militar**. Editora Aurora, São Paulo: 2009.

SANTOS, Priscila Farias dos. **A participação dos freis dominicanos no regime militar brasileiro**. Revista Historiador. Número 02. Ano 02. Dezembro de 2009.

SKIDMORE, Thomas. IDEM: **Brasil de Castelo a Tancredo**: 1964 -1985. Tradução Mario Salviano Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SOIHET, Rachel, BICALHO, Maria Fernanda B. e GOUVÊA, Maria de Fátima S. **Culturas políticas**: ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

SOUSA, Antônio Fernando. Entrevista concedida à Ikaro de Fontes Góis, Picos: 2011.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, José de Fontes Coês,

autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação História e Memória: Os Movimentos de Oposição Contra a Ditadura Militar na Cidade de Picos nos anos de 1964 a 1985 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 08 de julho de 2019.

José de Fontes Coês
Assinatura

José de Fontes Coês
Assinatura